

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**O MOVIMENTO HUMANO NO ESPORTE E O ESPORTE
NA ESCOLA: O PENSAR DOS ALUNOS**

LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL

**PORTO ALEGRE
1997**

Deposito em nome de Luciana Marins Nogueira Peil

Luciana Marins Nogueira Peil

**O MOVIMENTO HUMANO NO ESPORTE E O
ESPORTE NA ESCOLA: O PENSAR DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento do Humano.

Orientador: Silvino Santin
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

**BIBLIOTECA
ESEF/UFRGS**

Porto Alegre

Escola Superior de Educação Física da UFRGS

1997

T ESEF

06018841

796:373.3 P377m 1997

[000679842] Feil, Luciana Marins Nogueira. O movimento humano no esporte e o esporte na escola: o pensar dos alunos. 1997. 115 f.

Coleção - 670822

796:373.3

P.377m

1997

Comissão Julgadora

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Marisa e Rubinho, pelo apoio e carinho em todos os momentos de minha vida.
Obrigado.

AGRADECIMENTOS

* As minhas irmãs, Liliane, Roberta e Renata, por terem sempre acreditado em mim;

* A M. Estella, minha prima e melhor amiga, por ter **escutado e escutado...**;

* Aos meus colegas da ESEF-UFPel, aos quais posso chamar de amigos e, principalmente, ao Prof. Ms Renato Siqueira Rochefort, que **segurou a barra** em um dos momentos em que eu mais precisei;

* Ao meu aluno Carlos Alex, que com sua boa vontade ultrapassou o mero digitar deste trabalho;

* A minha aluna Aniê por sua **ajuda** no inglês;

* Aos alunos que foram entrevistados neste trabalho. Obrigado por falarem!

* Aos amigos que não foram citados, mas que são sempre lembrados.

* Aos meus professores do Curso de Mestrado pela contribuição que certamente deram a este trabalho.

* Especialmente ao meu orientador por seus momentos de paciência e de *impaciência...*

Muito obrigado!

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	vi
SUMMARY.....	vii
INTRODUÇÃO.....	01
1.1. Minha trajetória.....	01
1.2. A procura.....	04
1.3. O aspecto metodológico.....	06
1.4. Dos capítulos.....	10
CAPÍTULO I: MOVIMENTO HUMANO E ESPORTE.....	12
1. Movimento humano.....	13
1.1. A explicação causal do movimento humano.....	15
1.1.1. Corpo-máquina.....	16
1.2. A explicação teleológica do movimento humano.....	20
1.2.1. Corpo-vida.....	22
1.3. A estrutura básica do movimento humano.....	25
1.3.1. O sujeito.....	26
1.3.2. A situação.....	29
1.3.3. A significação.....	30
2. Esporte.....	33
2.1. O conceito esporte.....	34
2.2. Os valores do esporte.....	36
2.3. O movimento humano e o esporte.....	40
CAPÍTULO II: OS ALUNOS FALAM.....	43
1. O movimento humano na visão dos alunos.....	47
2. A relação movimento humano e esporte.....	56
3. Os significados do esporte.....	64
CAPÍTULO III: O MOVIMENTO HUMANO NO ESPORTE E O ESPORTE NA ESCOLA.....	81
1. O movimento humano, o esporte e a escola.....	81
2. O encontro das idéias.....	84
2.1. A explicação causal do movimento humano.....	84
2.1.1. Corpo-máquina.....	86
2.2. A explicação teleológica do movimento humano.....	88
2.2.1. Corpo-vida.....	89
2.3. A estrutura básica do movimento humano.....	91
2.3.1. O sujeito.....	91
2.3.2. A situação.....	93
2.3.3. A significação.....	95
2.4. O conceito esporte.....	98
2.5. Os valores do esporte.....	102
2.6. O movimento humano e o esporte.....	104
A CONCLUSÃO.....	107
BIBLIOGRAFIA.....	113

RESUMO

PEIL, Luciana Marins Nogueira. *O movimento humano no esporte e o esporte na escola: o pensar dos alunos*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

Este trabalho teve por objetivo mostrar o aspecto subjetivo que esta presente no movimento humano nos esportes. Eu como pesquisadora, procurei saber o que os alunos pensam e sentem no seu movimentar-se no esporte, bem como, suas idéias a respeito do movimento humano e do próprio esporte.

Para tanto, vali-me da Fenomenologia Hermenêutica na busca dos vários sentidos existentes no movimentar-se de cada aluno no esporte. A Fenomenologia Hermenêutica permitiu-me buscar através da descrição dos fenômenos, o aspecto subjetivo neles existente. Nesta procura foram contactados, através de entrevista não-estruturada, focalizada e com perguntas abertas, alunos pertencentes a duas escolas públicas.

A partir das questões propostas e das respostas dadas pelos alunos, foi feita uma classificação. Esta classificação mostra principalmente que o pensamento científico tradicional ainda tem muita influência na compreensão dos alunos a respeito do movimento humano, ao mesmo tempo que o aspecto subjetivo (as intenções, os objetivos), na realidade é o que faz mover. O esporte aparece como prazeroso e significativo para os alunos, mas não existe uma compreensão do mesmo como uma atividade que envolve ao mesmo tempo a competição, o jogo e o exercício físico. O esporte não é neutro, como também não é o movimento humano de cada um.

SUMMARY

PEIL, Luciana Marins Nogueira. *The human movement on sport and sport at school: the student's thought*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

This work has the purpose to show the subjective aspect that there is in the human movement on sports. Like searcher, I tried to know what the students feel and think about their movement on sports, as well as, their ideas about the human movements and sport.

So, I made use of Hermeneutics Phenomenology in the quest of the various meanings existents in the movement of each student on sport. The Hermeneutics Phenomenology allowed me to search through the phenomena's description, the subjective aspect that there is in them. In this search were contacted, through non structured interview, focused and with open questions, students of two public schools.

From the questions proposed and the answers givens from the students, was done a classification. This classification show mainly that the scientific traditional thought has already a lot of influence in the students' comprehension about human movement, in the reality is what do to move. Sport appear like pleasing and significant to the students, but there isn't a comprehension about it as an activity that imply in the same time the competition, the play (game) and the physical exercise. Sport isn't neuter, as well as isn't the human movement of each one.

INTRODUÇÃO

1.1. Minha trajetória

Talvez para quem não é da **turma** da educação física ou da **turma** do esporte, não seja muito fácil entender a paixão que existe no **movimentar-se** de algumas pessoas. Eu sou uma apaixonada pelos esportes e pelo movimento humano. Talvez esta paixão tenha começado na minha infância, quando minha mãe chegou pedir ao pediatra que fizesse um eletroencefalograma desta rica cabecinha, pois, segundo ela, não havia criança mais irrequieta. O médico recusou-se a fazer. Segundo ele a menina era, isto sim, extremamente saudável (até hoje não sei se ele estava certo ou não...).

Talvez a paixão tenha partido de meu pai que tinha fotos e mais fotos nas quais ele aparecia jogando futebol, basquete ou remando e para completar, aos domingos levava-me ao campo de futebol para ver o **grande** Grêmio Esportivo Brasil jogar!

Aos meus treze anos bastou um convite de uma colega para que entrássemos na equipe de voleibol da escola e lá já estava eu, encantada com a possibilidade de aprender. Logo a equipe de voleibol foi trocada pela de basquete, um fascínio difícil de explicar.

A escolha de cursar educação física pareceu a opção mais natural e inquestionável à hora do vestibular. Já dentro do curso e seguindo minha vida de atleta, descobri que não bastava gostar de jogar, era necessário gostar de ensinar! E para gostar de ensinar, é necessário gostar de pessoas, gostar do convívio com elas.

Neste ritmo de descobertas, concluí a graduação e ingressei imediatamente em um curso de pós-graduação à nível de especialização. Novamente novos horizontes foram abertos através do estudo da educação psicomotora. Autores que nem sempre na época tive a capacidade de entender, invadem minha cabeça: MERLEAU-PONTY, LE BOULCH, WALLON, BUYTENDIJK, LA PIERRE, PIAGET, etc, etc, etc... Desta experiência ficaram principalmente mais dúvidas do que certezas a respeito do movimento humano e ao mesmo tempo, ficou a vontade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos e o gosto pelo trabalho com crianças de 1ª a 4ª série.

Mas como a vida de atleta não parou e como se sabe, todo atleta é tido como aquele que pode ser um **técnico** de equipe, lá fui eu também experimentar paralelo ao trabalho com as crianças, o trabalho de técnica de basquetebol da escola!

Ah! O trabalho ideal! Unir paixão pelo esporte basquete, à paixão de ensinar... Mas ensinar buscando o quê? Algumas coisas me pareciam bem claras dentro da visão corrente do esporte, outras já não estavam tão translúcidas assim para mim! Qual seria o real objetivo do esporte na escola? O que se quer com o esporte?

Mais ou menos angustiada segui em frente e cheguei a mais um ponto: o concurso para a Universidade! Ser professora na graduação da ESEF-UFPe! Concurso feito, quase dois anos de espera e finalmente o ingresso na carreira universitária. Mais uma vez o esporte, mais um vez o basquete. Minha responsabilidade agora é ensinar a ensinar através do basquetebol. Responsabilidade maior, dúvidas e angústias maiores.

Mas afinal de contas, do que trata o basquete? Do que trata a educação física? A resposta era óbvia, tratam do movimento humano. Mas, será que o basquete, o esporte, tratam de maneira **correta** (vou chamar assim) o movimento humano?

Seguindo a vida acadêmica, nova oportunidade surgiu: o curso de mestrado. Provas feitas, formalidades cumpridas e o resultado desejado mas não esperado chegou: Aprovada!

Raciocínio imediato: dúvidas e angústias serão sanadas...

O curso de mestrado transcorre, autores já conhecidos e autores desconhecidos novamente povoam minha cabeça. (Porque não dizer que povoam a mim?) No anseio de encontrar respostas a respeito do movimento humano e o esporte, caminhos são percorridos, desvios são tomados, algumas vezes retornando ao caminho anterior, outras desviando e não mais voltando... E neste ir e vir, o crescimento é certo mas não definitivo! Até porque a cada esclarecimento, existe a necessidade de uma busca maior

que leve sempre adiante. Não mais a ilusão de dominar o conhecimento, mas a certeza que só se cresce pela angústia e pela paixão...

1. 2. A procura

Esporte: Fenômeno complexo de nossa cultura do movimento. Antes de mais nada, quero salientar que ao procurar situar a discussão a respeito da questão esporte, limitei-me a citar alguns autores dos mais usuais e aceitos no meio da educação física em nosso país, quando se fala em esporte. Os autores abaixo citados não representam todo o universo literário sobre a questão, mas creio ser o suficiente para chamar a atenção a respeito de alguns aspectos. Autores como KUNZ, BRACHT e BENTO discutem a respeito dos valores pedagógicos do esporte. BENTO (s.d.) liga o desenvolvimento da personalidade do aluno ao rendimento no treinamento esportivo. BRACHT (1988) relaciona o esporte e aprendizagem social. KUNZ (1994) defende que professores e alunos devem transformar didático-pedagogicamente o esporte.

HUIZINGA (1980) dentro da visão da antropologia, preocupa-se com a questão do lúdico em relação ao esporte. Coloca HUIZINGA que o jogo é tão importante na vida humana quanto o raciocínio e o fabrico de objetos, sendo assim, a expressão "*Homo Ludens*" merece um lugar em nossa nomenclatura junto as expressões "*Homo Sapiens*" e "*Homo Faber*".

Em discussões de cunho filosófico desvela-se o caráter do princípio do rendimento a qualquer preço, da lógica do capital e de uma ética duvidosa. Os princípios do jogo (lúdico) e da luta pela superação/evolução (agonístico), resistem em alguns poucos, estando predominantemente distorcidos (GRUPE, 1988; SANTIN 1994).

Dentro deste contexto bastante complexo, o esporte que não pode ser compreendido de uma maneira simplista e reducionista, tem como objeto central o movimento humano.

Em trabalhos a respeito da questão esporte, observa-se a pouca ênfase no estudo interpretativo do movimento humano. KUNZ (1994) faz uma rápida análise deste enquanto referência teórica para orientação e condução da prática pedagógica da educação física, salientando a necessidade de um maior estudo do tema. Em contrapartida, existem vários estudos (principalmente da biomecânica) que privilegiam somente a técnica dos movimentos sem levar em conta outros aspectos que também influem nestes movimentos.

Neste meio-tempo, o estudo do movimento humano no esporte não se aprofunda e conseqüentemente a visão da física tradicional, traduzida na ciência como então a conhecemos, impera nos trabalhos sobre o tema. A técnica dos movimentos no esporte já foi exaustivamente explorada, devendo agora ceder espaço a aspectos mais humanos destes movimentos.

A questão aqui não passa por negar a técnica, mas passa sim pela questão de que existe muito mais para se perceber do que apenas a técnica dos movimentos. Este estudo privilegia aspectos subjetivos do movimentar-se no esporte, mas não esquece que o movimento humano apóia-se também na técnica para evoluir e acontecer.

Portanto: quais são as concepções de movimento humano que permeiam o esporte? Como o movimento humano se relaciona com o esporte? Quais são as emoções, os sentimentos e os valores que estão presentes no movimentar-se no esporte? Quais os significados do esporte?

1.3. O aspecto metodológico

A escolha do método de pesquisa decorre do tema proposto. No momento em que decidi estudar o movimento humano no esporte, percebi não poder optar pelo modelo de pesquisa que fundamenta a dita ciência pura na qual inexistente uma posição político-filosófica do pesquisador. Por compreender que o tema envolve uma complexidade de fatores culturais, ideológicos e sociais, e consciente de minha participação em todo este processo, procurei avançar na direção da busca de um sentido, levando em consideração minha maneira de ser no mundo. *“A idéia de ciência isenta de ideologia constitui a verdadeira representação ideológica da ciência. O advento das ciências humanas vem fundar, do ponto de vista epistemológico, a impossibilidade de um discurso isento de um momento ideológico”* (JAPIASSU, 1994:72).

Este não é um trabalho tradicional dentro da área biológica na qual está classificada a educação física. Este é um trabalho mais ligado às ciências humanas, área onde deveria também estar, ao meu ver, a educação física, pois ela lida com pessoas, lida com o movimento humano que é manifestação do ser-no-mundo. Sendo assim, esta é uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, pois busquei junto aos praticantes saber o que eles pensam, o que eles sentem no seu movimentar-se no esporte. Busquei interpretar, busquei os significados, pois a pesquisa qualitativa gira em torno destes.

Decidi nesta pesquisa atentar para os praticantes de esporte na escola. Justifica-se a escola por ser ela o grande campo de trabalho do professor de educação física e também por, talvez, ser um dos poucos locais onde pessoas menos favorecidas tem acesso ao movimentar-se orientado por um profissional. Sinto ser de minha responsabilidade este tipo de investigação, pois como formadora de futuros profissionais da área, devo aproximar-me da realidade que a grande maioria vai encontrar ao término da graduação. Este ambiente escolar foi, portanto, o palco do meu descobrir/descobrimo-me. Onde olho e me mostro...

Na procura dos diferentes significados que os praticantes de esporte na escola colocam no movimento humano, utilizei a Fenomenologia Hermenêutica. Esta visa desvendar através da descrição dos fenômenos, os vários sentidos existentes nos mesmos.

“O método hermenêutico é [...] o processo de descoberta das significações, tendo por tarefa interpretar as palavras, os gestos, os

escritos, em suma, todo o ato ou toda obra enquanto singularmente integrada num conjunto do qual faz parte” (JAPIASSU, 1994: 38).

Neste interpretar, segundo RICOEUR (1988), eu me exponho. Deixo claro quem sou. A Fenomenologia Hermenêutica valoriza minha vivência no mundo e através da interpretação, avanço. Assim, não nego minha história, pelo contrário, ela justifica o meu aqui e agora e me dá condições de ir buscar dentro da realidade que conheço, um conhecer a mais, “[...] *é preciso que aquele que olha não seja, ele próprio, estranho ao mundo que olha*” (MERLEAU-PONTY, 1992: 131).

Neste estudo foram contactados alunos de ambos os sexos de duas grandes escolas públicas de 1º e 2º graus. A primeira escola é estadual e localiza-se na capital do estado. A segunda escola é municipal e localiza-se na cidade de Pelotas. Justifica-se a primeira, por estar eu na capital cursando o Mestrado e, portanto, tendo melhor acesso a escolas localizadas em Porto Alegre. Justifica-se a segunda escola por situar-se em Pelotas, local onde desenvolvo minhas atividades profissionais.

Na escola porto-alegrense conversei com vinte (20) alunos. Na escola pelotense conversei com dezoito (18) alunos. Em ambas escolas a escolha foi feita aleatoriamente nas turmas, independentemente de sexo. A faixa etária variou entre 12 e 18 anos. A única condição exigida, foi a de que os alunos praticassem esporte formalmente na escola.

Utilizo a expressão conversa por ela deixar mais claro uma troca de idéias entre quem pergunta e quem responde. Entrevista soa como algo que mantém uma distância. A conversa aproxima. Aproxima porque sugere informalidade e liberdade. O discurso oral cria uma realidade comum entre os envolvidos, sendo a partir daí possível ir além, atentando para detalhes que a escrita não deixa transparecer, mas a fala sim. Os gestos, as expressões são riquíssimos e devem ser levados em consideração, bem como, o contexto onde ocorrem. De acordo com as reações dos alunos, pode existir um avanço, uma volta atrás, uma tomada diferente de caminho para conseguir captar o que eles realmente pensam. Cada aluno necessita de uma abordagem distinta e através do diálogo, através da conversa, os caminhos vão surgindo.

A conversa com os alunos baseou-se em algumas questões-chave* e a partir das respostas dadas às mesmas, fui **puxando** de cada um o que julguei mais interessante aprofundar e/ou compreender. A esta conversa posso chamar de entrevista não estruturada (informal) focalizada (ANDER-EGG, 1983). Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem uma lista de questões a investigar derivadas do tema que quer estudar, mas sem necessitar sujeitar-se a uma estrutura formalizada.

Ainda com apoio em ANDER-EGG (1983), esclareço que as questões foram abertas, isto é, o entrevistado responde usando seu próprio vocabulário e falando o quanto deseja sobre a questão colocada. Estas questões abertas foram formuladas de acordo com a natureza da informação que desejava obter. Houve também a necessidade

de uma volta às escolas para aprofundar junto aos alunos, aspectos que não ficaram claros na primeira conversa.

As conversas foram gravadas em fita cassete e anotações também foram feitas. Algumas aulas e/ou treinamentos também foram observados com o intuito de acompanhar melhor a realidade procurada, pois nem sempre o que se fala coincide com o que se pratica.

A partir das questões* propostas e das respostas dadas pelos alunos, dividi o material em três tópicos com o intuito de melhor demonstrar as idéias dos alunos em relação ao tema deste trabalho.

1.4. Dos capítulos

No primeiro capítulo deste trabalho desenvolvo as idéias de movimento humano e de esporte. Neste desenvolver de idéias, passo por vários autores pertinentes ao tema. A seguir, no segundo capítulo trato dos depoimentos dos alunos contactados neste trabalho. O terceiro capítulo diz respeito a relação que penso existir entre o movimento humano, o esporte e a escola, bem como também relaciono neste capítulo, os

* Questões-chave: 1. O que entendes por movimento? 2. O que entendes por movimento humano? 3. Qual relação fazes entre movimento humano e esporte? 4. O que é esporte para ti? 5. O que sentes quando estás te movimentando praticando esporte? 6. Quando tens alguma dificuldade na execução de movimentos no esporte, o que sentes? Qual é a tua atitude frente a isto? 7. Define com uma palavra ou poucas palavras, qual é o sentimento que melhor define esporte para ti?

depoimentos dos alunos e o referencial teórico exposto neste trabalho. Por fim, faço a conclusão.

CAPÍTULO I

MOVIMENTO HUMANO E ESPORTE

Neste capítulo desenvolvo as idéias de movimento humano e esporte partindo do que falam estes termos. No desenvolver das idéias, passo por vários autores chegando até a relação movimento humano e esporte, já que este tem por base o próprio movimento humano.

Um dos procedimentos da Hermenêutica consiste em deixar as palavras falarem. A Fenomenologia de HUSSERL nos diz que deve-se “voltar às coisas mesmas”. A Hermenêutica contemporânea herdeira da Fenomenologia é, de certa forma uma volta às palavras mesmas. As palavras falam por si mesmas, portanto, necessário é escutá-las. Nesta escuta vários significados podem transparecer levando o **ouvinte** a talvez mais de uma direção. Mas o que pode direcionar este **ouvinte** das palavras, é o próprio contexto (situação) que envolve o texto (movimento humano; esporte) e o intérprete (**ouvinte**). O intérprete não é anônimo nem desprovido de opinião. Ele não é neutro. Ele possui uma história que justifica seu interpretar.

1. Movimento humano

A expressão movimento humano é composta pelo substantivo movimento e pelo adjetivo humano, sendo assim, mesmo o observador mais superficial detecta que o movimento pode ser adjetivado de várias maneiras e que portanto, existem diferentes tipos de movimento. Existe o movimento das estrelas, o movimento dos animais, o movimento das máquinas, o movimento do próprio homem. Existe, portanto, diferença entre estes movimentos? Se positivo, onde se dá propriamente esta diferença?

Volto à expressão. Ela se compõe de duas palavras e cada uma por si só possui sua significação. A palavra movimento, que tem origem no latim "*movimentum*" (FERNANDES, 1967), sugere deslocamento, mudança de lugar ou de posição, agitação, marcha dos corpos celestes. Estes significados são aspectos físicos do movimento: a trajetória de uma bola, a trajetória de um planeta; pode sugerir também andamento musical: o ritmo de uma música, se ela é clássica ou contemporânea; também sugere evolução das idéias: um avanço na maneira de pensar a respeito de um tema ou talvez apenas o pensamento livre para criar; ainda pode sugerir gesto: estes gestos podem ser artísticos, podem ser esportivos ou apenas um aceno a um amigo. Os significados da palavra movimento são amplos e variados, portanto repito, o substantivo movimento é passível que se dê o adjetivo que se quiser dar, neste caso, o adjetivo é a palavra humano. Humano, segundo o mesmo autor acima, é o que é relativo ao homem ou próprio dele. Sendo assim, o movimento humano, o movimento que é próprio do homem se diferencia em que, em relação a outros tipos de movimento?

Dentro dos aspectos da física, uma pedra arremessada e um atleta que salta, não apresentam diferença real. A velocidade, potência e atrito são calculados de igual maneira. As leis da física clássica são ditas como universais, podendo reger o deslocamento da pedra e o salto do atleta. Pode-se transferir a comparação às máquinas, cujo sistema de alavancas e engrenagens, garantem um perfeito funcionamento e sendo o homem dotado por articulações e músculos, seus movimentos se adequam perfeitamente bem ao sistema de alavancas. Sob este ponto de vista tanto homens, máquinas e animais, se movimentam de igual maneira.

Estas comparações, ainda que possíveis e corretas, pelo menos a mim não satisfazem enquanto explicação do movimento humano. Talvez realmente eu me julgue superior por ser da raça humana e, portanto, incapaz de aceitar uma posição, como direi... incômoda aos meus anseios de evolução e supremacia.

Acredito que a diferença está justamente no que é próprio do homem, na condição do humano. E como esta condição humana se dá? Ela se dá exatamente na presença e manifestação do homem no mundo, ela se dá através de seu corpo e da sua corporeidade. Na realidade é impossível falar do movimento humano sem falar do corpo humano, visto que o movimento humano não é algo abstrato, ele se dá enquanto manifestação do corpo. Devo também lembrar, que toda idéia de movimento humano pressupõe uma idéia de corpo (a questão do corpo será tratada adiante).

Retorno à expressão movimento humano. Retorno às palavras mesmas, deixando-as falarem e procurando escutar o que mais elas têm a dizer. Relembro que o substantivo movimento sugere entre outras coisas, deslocamento e mudança de lugar. O adjetivo humano diferencia o movimento e indica que este pode ser realizado e interpretado de várias maneiras. Mas, independentemente de interpretações, fica claro que para algo mover-se é necessário a presença de uma força, é necessário uma energia como potencializadora da ação. Força se confunde com energia, energia nos fala em impulso... Portanto, o que é este impulso que nos faz mover? Como e por que nos movimentamos? Qual será a melhor maneira de interpretar e compreender o movimento humano?

1.1. A explicação causal do movimento humano

Por serem pessoas que se movem, pode-se interpretar seus movimentos como provenientes de uma causa, de uma força, de uma energia que os faz moverem-se? Energia esta que poderia até ser exterior a esta pessoa que se move? (As máquinas de ginástica passiva, tão atuais em academias, são um bom exemplo).

A explicação causal do movimento humano afirma os preceitos da ciência tradicional e portanto, é a mais usual do senso comum. Esta perspectiva diz que as causas explicam os fenômenos e sendo assim, o movimento humano é consequência de determinadas causas que o precedem no tempo e no espaço. É uma relação do tipo estímulo-resposta onde o movimento humano adquire uma conotação de deslocamento e

mudança de lugar, existindo portanto, uma causalidade mecânica e determinista. (JAPIASSU, 1994; RICOEUR, 1988; CAPRA, 1982)

Paul RICOEUR, em seu livro: *“o discurso da ação”* (1988), coloca que a explicação causal do movimento, no sentido de causa-efeito, não é a que melhor caracteriza como se dá o movimento humano, pois existe na explicação causal uma tendência a objetivar tudo, a reconhecer somente fatos regidos pela relação de causa e efeito, mas não as ações, os sujeitos e sua intencionalidade.

Visto que o movimento humano parte do corpo, qual é portanto a visão de corpo presente nesta perspectiva causal?

1.1.1. Corpo-máquina

Uma das abordagens mais tradicionais a respeito do corpo é a abordagem mecanicista, onde o corpo é tratado como um modelo clássico de máquina e inclusive posso dizer que toda a técnica dos movimentos no esporte parte deste ponto de vista. A ciência que aí está é basicamente alicerçada na física clássica (Newtoniana) e a maioria dos estudiosos portanto, acredita que os seres humanos podem ser completamente descritos como máquinas. Sendo máquina, o corpo é considerado sem relações sociais e sem relações com seu meio ambiente. O corpo é isolável. Pode-se decompô-lo em partes para entendê-lo. O subjetivo aqui não tem lugar. O subjetivo não se mede e portanto não é científico. A consequência imediata desta maneira de pensar é o falso entendimento do

corpo humano. São anos e anos de estudos que na realidade não tratam do verdadeiro. O ser humano não se resume a um feixe de nervos e músculos que terão sempre a mesma reação dentro de condições X. Quero salientar com apoio em CAPRA (1982) e TAMBOER apud TREBELS (1992), que as pesquisas dentro deste paradigma mecanicista não deixam de ter sua validade, mas não se pode tomá-las como a verdade total. Se de qualquer maneira não se pode deixar de considerar estes trabalhos, cabe a pergunta: se o corpo é vida, pode-se entendê-lo a partir da máquina?

SANTIN, em seu último livro *A biomecânica entre a vida e máquina* (1996), faz uma análise muito interessante sobre o assunto. Coloca ele ser possível a reconciliação entre o pensamento humanista e o pensamento mecanicista. A oposição entre a máquina e a vida seria uma questão cultural. O ocidente desenvolveu uma maneira de pensar errônea a respeito da ordem do universo. Os orientais, que sempre tiveram uma visão holística do universo, não passam por este tipo de **angústia**. Existe uma unidade harmônica heterogênea que envolve ordenação mecânica e a organização dos seres vivos. O desvio está no modelo da produção do conhecimento. É necessário ir além do mundo dos opostos, este não é a lógica do universo. Portanto, a oposição entre máquina e sistema organizado (vivo) não tem a consistência que se acreditava. A noção de máquina se modificou.

A resistência a comparações às máquinas, devia-se a radicalização em cima da visão da física clássica do ser humano como máquina e a crença de que somente os seres vivos eram organizados. Com o advento da nova física e da cibernética, surgiram

máquinas comandadas por máquinas e instalou-se portanto o conceito de máquinas organizadas, concluindo-se a partir daí que tanto as células quanto as máquinas obedecem a princípios organizacionais, mas sem pertencerem a uma mesma categoria de mecanismos.

Continua SANTIN, dizendo que hoje percebe-se a incorporação da máquina como um modelo de organização do ser vivo. Não existe problema em definir o homem como uma máquina. Mas o homem é uma máquina totalmente diferenciada da máquina artificial. Existem três propriedades que garantem a estrutura do ser vivo-máquina e SANTIN cita MONOD nas páginas 27-28: "*1 - teleonomia: todo ser vivo é resultante de um projeto; 2 - morfogênese autônoma: são máquinas que se constroem a si mesmas; 3 - invariância reprodutiva: são máquinas que se reproduzem*". Estas três propriedades garantem que a máquina-viva se diferencie de qualquer outra maquinaria.

Esta máquina-viva, segundo SANTIN, está inserida na concepção sistêmica da vida, rompendo portanto com a visão fragmentária dominante no ocidente.

SANTIN, portanto, propõe que mudemos nossa maneira de pensar, porque afinal de contas, o grande equívoco está na maneira de se encarar a ciência e a vida. A máquina tão perigosa aos humanistas não é a mesma máquina-viva que agora através do avanço da própria ciência, se apresenta.

Volto a questão: se o corpo é vida, pode-se entendê-lo a partir da máquina?

O avanço da física quântica e da biologia nos mostra que a vida é complexa, envolvendo conceitos clássicos e conceitos inovadores. Processos **maquínicos** ocorrem em cada ser vivo. Não é uma questão de se radicalizar em cima de uma ou de outra posição. A vida é um conjunto, uma totalidade. Mas se a máquina é uma parte do funcionamento do ser vivo, não se comete o mesmo pecado anterior de se generalizar o entendimento da vida através de "máquina-viva"? Talvez os conceitos e as palavras que possuímos em nosso vocabulário não sejam suficientes para definir de maneira mais clara como a vida se dá. Nos vemos obrigados a utilizar termos que na realidade são reducionistas e por mais que o raciocínio possa ultrapassá-los e apreender o verdadeiro significado, na realidade o termo máquina restringe e transporta à idéia do maquinismo Newtoniano.

Se a noção de máquina mudou e avançou, vou colocar desta forma, esta mudança será suficiente para que passemos a encarar o corpo como um tipo de máquina? A mim parece que se continuarmos na perspectiva de usar a máquina (mesmo viva) como modelo do ser humano, estaremos caindo no mesmo erro anterior. Por mais que a vida englobe a máquina, ela não é uma máquina. Temos que procurar um novo conceito. Mas algo é perfeitamente possível: tentar entender a máquina, esta sim, também a partir da vida.

1.2. A explicação teleológica do movimento humano

Se algo faz com que eu me mova, portanto não sou eu quem se move, mas este algo. O meu movimento parte de mim, parte de minha energia, parte de meu impulso. Esta energia, este impulso é causa do movimento humano, mas ela é causa em busca de um objetivo. Na realidade eu me movo porque quero atingir alguma meta e portanto sei quais atitudes devo tomar para atingí-las.

O movimento humano caracteriza-se justamente por esta orientação à um fim e não apenas por uma causa que o antecede no tempo e no espaço. É claro que estas colocações partem de um ponto de vista, partem de uma visão de homem, partem de uma relação dos meios com o fim, onde não se retira a responsabilidade do autor da ação, mas isto sim, existe a identificação e a afirmação desta responsabilidade.

Na conduta teleológica existe a orientação à um fim, o fim é o que move. Existe um projeto. Existe uma intenção situada no futuro. Coloca RICOEUR (1988) que a explicação teleológica abarca a explicação causal indo portanto mais longe, na medida em que une fim e causa na noção de desejo, na noção de “disposição” (disposição para fazer algo).

Ao se falar em explicação teleológica do movimento humano, fala-se no desejo de que algo aconteça, fala-se na disposição para fazer acontecer, fala-se na intencionalidade que é a reveladora da especificidade do humano do movimento. A

intencionalidade introduz a retro-referência a um centro de responsabilidade de onde procede a ação, isto é, quem faz a ação, quem faz o movimento.

Complementa RICOEUR, dizendo que na explicação de um movimento pelo seu fim (intenção, objetivo), é dizer também como se produziram a conduta ou o comportamento, não sendo as condições antecedentes que explicam o movimento, mas a própria ordem que essas condições produzem. É dizer como as coisas aconteceram, portanto esta descrição/explicação do movimento humano não exclui a história nem o contexto do acontecimento.

MERLEAU PONTY (1971) trabalhou as questões da corporeidade e do movimento humano como expressão do ser-no-mundo e corrobora a explicação teleológica do movimento humano, dizendo que existe uma antecipação ou uma apreensão do resultado da ação através de um projeto motor, através de uma intencionalidade motora.

Em uníssono com Paul Ricouer, Buytendijk apud TREBELS (1992), defende que o movimento humano deve ser esclarecido dentro desta perspectiva teleológica e propõe o “significativo” para o movimento humano em oposição ao “causal”.

Entendo que algo é significativo para alguém porque tem sentido para este alguém, porque tem valor, porque é pleno de intenção. Toda ação humana é baseada no que vale, no que importa a esta pessoa. Cada um tem uma história que justifica os

valores pelos quais guia suas ações. Falar no significativo remete à intencionalidade do movimento humano. Ter a intenção de alguma coisa é esforçar-se por fazer de forma que algo aconteça, é esforçar-se para obter um resultado. Portanto, RICOEUR (1988), diz que a intenção voluntária analisa-se num: *“querer que (ato mental); começar a fazer ou diligenciar; e fazer de forma que”*.

Sendo assim, qual é a visão de corpo que se relaciona de melhor forma com a explicação teleológica?

1.2.1. Corpo vida

Esta abordagem que farei a respeito do corpo humano, deixa para trás o modelo mecanicista de visão do mesmo, o qual defende a análise das partes para que se entenda o todo. Não que este modelo não possua sua validade, mas procuro avançar para uma visão holista privilegiando a compreensão da realidade em função de totalidades integradas.

“A descrição reducionista de organismos pode, portanto, ser útil e, em alguns casos, necessária. Ela só é perigosa quando interpretada como se fosse a explicação completa.” (CAPRA, 1982: 261)

Por ser um ser vivo, interessante é tratar o corpo humano a partir da própria vida. SANTIN (1993) a isto já se referia, quando diz da necessidade de se refazer as metodologias que buscam compreender o ser vivo, visto que a vida se constitui de uma unidade indivisível.

Na busca de definir o corpo humano procuro apoiar-me no paradigma (modelo) ecológico. Para CAPRA (*in* PESSIS-PASTERNAK, 1993: 129), este modelo ecológico: “[...] *insiste sobre a interdependência fundamental de todos os fenômenos e sobre a natureza intrinsecamente dinâmica do universo*”.

Observando-se a natureza, percebe-se a teia de relações que ligam todos os seres vivos. Posso dizer que existe uma interdependência e uma interação entre todos. O ser humano faz parte deste todo sem deixar ele próprio de ser um todo indivisível. A palavra ecologia não é nova para nós. HAECKERL apud SANTIN (1996: 60) define ecologia:

“estudo do inter-retro-relacionamento de todos os seres vivos e não-vivos entre si e com seu meio ambiente”.

O que talvez possa ser novo para alguns é esta perspectiva ecológica da realidade, onde os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são interdependentes para se descrever e interpretar esta realidade.

O paradigma ecológico pressupõe uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Esta nova visão tem o objetivo de rever o pensamento racional e *linear cartesiano*¹, levando-se em consideração a natureza não linear de nosso meio ambiente e da vida.

¹ refere-se a método analítico usado por Descartes, consistindo este método em decompor pensamentos e problemas em suas partes componentes e em dispô-las em sua ordem lógica (CAPRA, 1982).

Junto ao paradigma ecológico está a concepção sistêmica da vida que vê o mundo em termos de relações e de integração, enfatizando princípios básicos de organização e de dinamismo: embora se possa discernir partes individuais em qualquer sistema, a natureza do todo é sempre diferente da soma de suas partes (CAPRA, 1982).

Portanto, o corpo humano é um sistema vivo e não pode deixar de ser visto dentro da concepção sistêmica. Para um melhor esclarecimento, devo acrescentar que os sistemas vivos são complexos e não lineares, englobando conceitos como auto-organização, acaso e aleatoriedade (ATLAN; PRIGOGINE ambos em PESSIS-PASTERNAK, 1993). A genética é integrante da auto-organização do corpo, adaptando-se ela ao todo organizado. A dinâmica da auto-organização não é determinista, a instabilidade dinâmica faz com que não se possa prever o comportamento de cada trajetória da estruturação, mas somente probabilidades. A variedade das formas que a estruturação pode desenvolver, deve-se a aleatoriedade dos sistemas vivos. Por exemplo: se eu pretender ter um filho, a criança tem grandes chances de se desenvolver morfológicamente normal em meu útero, de acordo com a auto-organização. Mas a aleatoriedade do sistema não garante que seu cabelo vai ser liso ou encaracolado.

Ao mesmo tempo que o corpo possui inter-relações internas, ele se inter-relaciona e se constrói no meio ambiente (mundo). Cada corpo é um ecossistema que se inter-relaciona com outros ecossistemas como ele, dentro do grande ecossistema que é o universo.

Em consonância com estas idéias, GUATTARI (1993), nos fala de três ecologias como estruturantes da condição humana: ecologia social (trabalha na reconstrução das relações humanas em todos os níveis da vida social), ecologia mental (trabalha a questão da subjetividade humana) e a ecologia ambiental (trabalha a questão de que todos devem se envolver na preservação do meio ambiente). GUATTARI acredita que através desta maneira de pensar está em jogo a saída das crises de nossa época.

O paradigma ecológico nos fala na lógica do vivo. Portanto se queremos entender o corpo, temos que entender esta lógica na qual tudo se inter-relaciona e compõe uma unidade indissociável.

1.3. A estrutura básica do movimento humano

O corpo humano é um corpo de inter-relações internas e externas e nós como corpo, vivemos no mundo e nos relacionamos com ele. O movimento humano é expressão desta presença no mundo, sendo ele intencional e orientado à um fim. Através de meu movimentar significativo, compreendo o mundo e interajo com ele.

Esta relação com o mundo evidencia o sujeito do movimento, enquanto o diferencia através da intencionalidade de suas ações. Sendo assim, Buytendijk apud TREBELS (1992), afirma que o movimento humano (enquanto movimento do sujeito que se move), obedece a seguinte estruturação:

- movimento é uma ação de um sujeito;
- movimento é uma ação vinculada a uma determinada situação;
- movimento é uma ação relacionada a um significado.

Buytendijk, citado por VAN DEN BERG (1965), coloca que o movimento humano tomado só em si mesmo, é como um simples deslocamento de um órgão ou de um sistema de órgãos e não movimento humano propriamente dito. Somente é movimento quando as três condições acima são consideradas.

Esta estruturação básica do movimento humano, resguarda a condição do humano pois nomeia quem faz a ação, o como e o porquê a ação é feita. Desta forma, o homem trava com o mundo uma relação de compreensão na qual significados são concedidos e/ou apreendidos.

1.3.1. O sujeito

GREIMAS (1975) em sua obra: *"Sobre o sentido"*, nos coloca que a significação pode se ocultar sob todas as aparências sensíveis, encontra-se atrás dos sons, das imagens, dos cheiros e dos sabores, sem no entanto estar nos sons e nas imagens, porque na realidade a significação tem por sujeito o homem, que é capaz de produzi-la. "... o mundo se apresenta como uma virtualidade de sentido." GREIMAS (1975, p. 46)

Reforço Greimas, salientando que o mundo se apresenta com vários potenciais, cabendo a cada um agir em uma direção, segundo uma intenção significativa, a qual dará significado às nossas inter-relações com o mundo.

Portanto, este ponto de vista de interpretação do movimento humano partindo do sujeito, é que pode explicar o significado do “programa gestual”, entendendo-se este, como o “trajeto a ser percorrido e seu ponto de chegada.” GREIMAS (1975, p.59)

BUYTENDIJK citado por VAN DEN BERG (1965), considera que todo o movimento humano é determinado por uma “esfera de valores” que outorga significação a esse movimento e o faz significar algo.

Portanto, o “programa gestual” de um sujeito está determinado por esta valoração. Ao salientar o homem como sujeito de seu próprio movimento, este é colocado como responsável por seus atos, cabendo a ele refletir sobre suas ações. Esta reflexão leva aos referenciais valorativos que compõem a “esfera de Valores” que darão significação ao movimento.

A não reflexão a respeito dos Valores, leva à uma provável adoção do pensar dominante na família, no grupo e na sociedade de maneira geral. Naturalmente cada um tende a adotar o ETHOS (costume) que embasa o meio no qual vive.

A reflexão passa, segundo FREITAG (1992), pela pergunta: “Como devo agir?”. Esta questão, que dá origem a várias outras questões, destaca o sujeito da ação, que mais tarde irá orientar-se em função dos princípios resultantes das respostas às questões.

A fim de salientar esta questão do “como devo agir?”, utilizo MAX WEBER apud FREITAG (1992). Max Weber nos fala em duas éticas: a ética da convicção e a ética da responsabilidade. A ética da convicção subordina os meios aos fins, isto é, os fins justificam os meios, não interessando o caminho à percorrer, desde que o fim seja alcançado. A ética da responsabilidade, reflete a respeito dos meios, estando disposta a redefinir os seus fins caso a utilização de certos meios, tenha repercussões inaceitáveis segundo critérios éticos ou racionais.

Desta forma, o problema ético pressupõe um homem colocado em um determinado contexto, consciente de seus atos e dono de sua vontade. O movimento humano aparece portanto, como reflexo deste todo.

1.3.2. A situação

Existe uma interdependência entre homem e mundo, na qual a interação é flagrante e notória. Como diz MERLEAU-PONTY (1992), esta relação é “carne”, é um “quiasma”, que se faz e desfaz dinamicamente em nossas relações com o mundo.

Nós não nos acabamos em nós mesmos. Mas o que é este si mesmo? Existe realmente algum tipo de limite entre eu e o mundo? Esta intersecção chamada “carne” faz com que o mundo e eu sejamos um só corpo na realidade.

“Onde colocar o limite do corpo e do mundo, já que o mundo é carne?” MERLEAU-PONTY (1992: 134)

O homem neste seu movimentar-se, está envolvido no mundo de tal forma que Tamboer apud TREBELS (1992), afirma que existe um diálogo homem-mundo e através deste diálogo, existe uma “compreensão-do-mundo-pela-ação”.

Nesta interação, neste “diálogo”, conheço a mim e ao mundo. Conhecendo a mim e ao mundo, percebo minhas capacidades e limitações, ultrapassando-as ou então aceitando-as. MERLEAU-PONTY em sua *“Fenomenologia da percepção”* (1971), já não nos colocava da experiência do “eu posso”? Isto é, Merleau-Ponty já falava da experiência de conhecer o próprio corpo nesta relação com o mundo.

O que deve ficar claro é a impossibilidade de se isolar o movimento, enquanto humano, do contexto (mundo, situação) no qual está inserido e da mesma forma,

salientar a mesma impossibilidade de se retirar a responsabilidade do sujeito da ação sobre seus atos, visto que ele tem um porquê para se movimentar e tem consciência de onde quer ir.

1.3.3. A significação

Quando me movimento concedo um sentido à minha ação através da intencionalidade nela contida e neste meu movimentar intencional, o mundo dá-me respostas e faz-me perguntas. Exigindo-me respostas, o mundo também faz com que meus movimentos sejam como são. É uma troca, é um diálogo, é uma relação significativa entre eu e o mundo.

Nesta relação intencional com o mundo, os significados do movimento humano se constroem. A significação surge do conjunto sujeito/mundo, podendo manifestar-se em mais de um domínio, dependendo sempre, é claro, da situação na qual ocorre.

Com base em VAN DEN BERG (1965), aponto três domínios que podem dar significação ao movimento humano: o chamado do mundo, o si-mesmo interior e o olhar do outro.

A) O chamado do mundo

Quando me movimento no mundo, este mundo faz-me chamamentos através de sua presença. A areia escaldante da praia sob meus pés, faz com que meu caminhar seja

saltitante até conseguir chegar a um oásis de sombra tão desejado naquele momento. Ao caminhar pela encosta íngreme a fim de admirar a paisagem que abaixo se descortina, mantenho o tronco inclinado à frente procurando equilíbrio e ajudo com as mãos segurando algum galho ou raiz, que possam auxiliar minha subida. Quando estou a noite em um bar e aceno à minha amiga que chegou, a intenção de meu gesto encontra seu término ali onde minha amiga está e de acordo com sua resposta, sobrevém outro gesto de minha parte.

Portanto, a significação de meus gestos nos três exemplos acima, radicam no mundo, radicam ali no local que faz com que meus movimentos sejam como são e os tornam significantes.

B) O si-mesmo interior

Quando me movimento em busca de algo, meu corpo assume uma **forma** que transparece ao observador. Existe uma intenção perceptível no corpo mesmo. Ao caminhar procurando me exercitar, esta minha intenção torna-se visível nas atitudes que tomo durante a caminhada. Meu caminhar intenso e rítmico deixa claro meu objetivo. Sendo assim, a significação do movimento humano está na intenção do sujeito, está dentro do si-mesmo que se move e que deixa sua intenção visível nos movimentos executados. A intencionalidade é palavra chave.

C) O olhar do outro

Quando me movimento e percebo que sou observada por outra pessoa, este olhar faz com que eu me torne mais consciente de meu corpo e de meus movimentos. Este aspecto do movimentar humano desloca a significação ao olhar do outro, mostrando a influência que sofre o movimento humano quando tem lugar sob o olhar de outrem. Este olhar pode dar significados diametralmente distintos ao movimento. Um olhar que pode tirar a naturalidade de quem se move ou um olhar que aceita e justifica o autor do movimento. Em um jogo de basquetebol, o jogador que vai **bater** o lance livre é alvo de toda a atenção. Todos os olhares convergem para ele. Neste momento existe a necessidade de um **desligamento** do jogador em relação aos **olhares** que desejam que ele erre. Em contra-partida, o jogador se apóia no **olhar cúmplice** dos companheiros que o apóiam e o justificam.

MAFFESOLI (*O Tempo das tribos*, 1987), nos fala na “perspectiva orgânica do grupo”, isto é, nos fala no “estar-junto” como dado fundamental da existência humana. Eu dependo do outro. Eu me construo junto ao outro e para o outro. Eu não existo isolada no mundo.

Nos três domínios colocados acima, está preservada a integralidade da ação humana, levando-se sempre em consideração o sujeito, a intenção e a situação na qual o movimento está acontecendo.

2. Esporte

"[...] o conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes" (FERREIRA, 1993).

"Prática metódica dos exercícios físicos; desporto; recreio; divertimento; exercícios próprios para desenvolver vigor e agilidade; educação física." (FERNANDES, 1967)

O dicionário nos traz alguns sentidos da palavra esporte e estes sentidos permitem entrever vários outros sentidos presentes na palavra. Este é meu ponto de partida...

O esporte é lugar de movimento, de exercícios. Exercícios que devem seguir regulamentos e regras. Sob este ponto de vista, ao mesmo tempo que o esporte oferece o movimento, ele oferece a limitação deste movimento pois o método ordena e comanda.

O exercício no esporte instrumentaliza quem o pratica, de maneira que vigor e agilidade (que sugerem também força e velocidade) são objetivos almejados.

Aparece a conotação do divertimento, deixando claro que o prazer e a liberdade de praticar devem estar presentes no esporte, conjuntamente aos significados já mencionados. Ou pelo menos deveriam estar, pois afinal de contas, eu posso praticar esporte somente por *esporte!*

No esporte eu posso estar só ou acompanhada, mas estar só na prática do esporte não significa solidão, pois o próprio esporte me acompanha.

O esporte pode ser educação física. Mas do que trata a própria educação física? Ela trata do movimento humano e portanto, trata do esporte, pois este depende do movimento humano para acontecer. A educação física tem por objetivo educar? Portanto o esporte pode ser educacional. Mas, como por exemplo sugere o Ministério Extraordinário dos esportes, através do INDESP (Instituto Nacional de Desenvolvimento Desportivo), o esporte além de educacional, pode ser solidário (desenvolve a cidadania); pode ser para pessoas portadoras de deficiência (melhoria da qualidade de vida destas pessoas); pode ser esporte de criação nacional (estímulo às manifestações esportivas com raízes na cultura nacional); pode ser esporte de massificação (promoção da prática generalizada do esporte); pode ser esporte de rendimento (visa a performance).

Sendo assim, o esporte por ser uma criação cultural, é reflexo do pensar e do agir humano, propiciando uma enorme gama de utilizações e interpretações.

2.1. O conceito esporte

Existe confusão a respeito do que é esporte. O esporte abarca certas peculiaridades próprias dele. Ele envolve o movimento humano, o jogo, a competição e a regência de regras. Outras manifestações da cultura do movimento que não envolvem estes fatores, não são considerados como esportes. Esta definição tem o objetivo de

situar a manifestação esporte de uma maneira mais clara, dentre as outras manifestações da nossa cultura do movimento. CAGIGAL (1985), coloca que deve existir a conservação da própria identidade do esporte: *“a competição, o exercício físico e, sobretudo, o jogo”*.

Em concordância com CAGIGAL, HEREDIA e outros (1988, p. 425), colocam: *“entendemos como esporte a todas aquelas manifestações que contenham estas características: a dimensão lúdica, o sentido de superação, a motricidade e uma estrutura regulamentária formal”*.

Entendo que as três primeiras características são dimensões fundamentais tanto do esporte como da vida, sendo a última característica fundamental ao esporte, não obrigatória em outras instâncias da vida, mas obrigatória para que se considere uma atividade física como esporte.

KUNZ (1994), diz que o conceito de esporte que se vincula hoje a educação física é um conceito restrito, pois tem apenas como conteúdo *“o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo”*. Defende KUNZ que o esporte, pelo menos na escola, deveria ser tomado em um conceito amplo, onde *“andar de bicicleta, caminhar, fazer ginástica, dançar, as brincadeiras e jogos infantis”* seriam considerados como esporte.

Concordo com KUNZ a respeito de se considerar e estudar as atividades feitas pelas pessoas em seu cotidiano, mas estas atividades tão importantes na cultura do

movimento de nossa sociedade, não são esporte. Não vejo necessidade de se estender o conceito até estas atividades, mas sim, a necessidade de atendê-las da melhor forma possível.

2.2. Os valores do esporte

Hoje em dia, a crítica mais severa que se faz ao esporte é de que ele assumiu os valores capitalistas. Assumiu os valores do lucro, do gerenciamento empresarial e do rendimento. Fala-se também da vitória a qualquer preço e de que o segundo lugar nada vale. Na busca da vitória, a ética se torna de caráter duvidoso, valendo a máxima de que os fins justificam os meios. O doping é um bom exemplo desta distorção ética.

Com o objetivo do lucro e do rendimento, o homem se tornou um produto, uma mercadoria rentável e o esporte, um meio de dominação. Vários são os autores que denunciam estes aspectos: Jean-Marie BROHM, Elenor KUNZ, Ommo GRUPE, Silvino SANTIN, etc.

Realmente, o esporte se presta a tudo isto. Mas seriam estes realmente **valores do esporte?**

Com o intuito de melhor esclarecer a questão, torna-se necessário remontar à origem do esporte.

CAGIGAL (1985) coloca que o esporte nasceu da canalização e conseqüente ritualização em forma de jogo, da raiz competitiva que o homem herdou da luta pela sobrevivência nos tempos imemoriais.

HUIZINGA (1980) também coloca que o esporte deriva da competição originária nas atividades do homem desde o início dos tempos e que o sentido agonístico que as animava, assegurava-as como jogo.

Quero chamar a atenção de que o esporte nasceu da vida, nasceu das atividades do homem em busca da evolução, sendo portanto o ludus (jogo) e o agon (luta), fatores fundamentais da própria vida. Talvez seja por estes fatores tão vivos em cada um de nós, que o esporte é tão fascinante e arrebatador de multidões.

SEIRUL-LO (1992) considera o agonístico e o lúdico como valores básicos do esporte e acrescenta o valor erótico.

O valor agonístico (termo de origem grega), trata da intencionalidade competitiva, trata da luta contra algo ou alguém, que inclusive pode ser eu mesma. Trata do sentido da luta pela superação, pela melhora, pela evolução. A competição que pode ter o sentido do esforçar-se junto a alguém, o sentido de questionar juntos.

O valor lúdico (termo de origem latina), trata do jogo, trata da brincadeira que não descarta as regras, mas que tampouco descarta o prazer de jogar. Trata do que se faz porque se quer fazer, porque se gosta. Trata do divertimento.

O valor erótico, que não deve ser interpretado na acepção sexual propriamente dita, trata do prazer de sentir o próprio corpo na atividade esportiva, de vivenciá-lo. Trata do prazer do movimento como meu. Não pretendo substituir o prazer sexual pelo prazer do esporte, mas sim salientar o prazer de se movimentar praticando esporte. Não seria este um prazer também? O valor erótico propõe que o esporte pode ser fonte de hedonismo, de prazer, valorizando a questão estética.

Estes valores colocados acima, são os valores originais do esporte. Eles conservam a própria identidade do esporte. O lúdico é o contra-ponto do sentido agonístico, mas a sociedade de hoje, guiada por poderes econômicos, faz com que o agon se sobreponha ao ludus. Portanto, a competição a qualquer preço, o uso de meios ilícitos, a seriedade que não deixa espaço para a brincadeira e o prazer, a distorção ética, o uso do ser humano como mercadoria, não são valores originais do esporte, mas sim utilizações e interpretações do fenômeno por pessoas que visam interesses que estão além do esporte.

“O desporto é, assim, penetrado por fatores que, num primeiro momento, são estranhos à sua essência original, mas que tendem e porfiam não apenas numa perversão desta, mas sobretudo em criar e difundir entendimentos e realidades divergentes e até opostas. Ou seja, o conflito instala-se ao nível dos sujeitos, dos interesses, dos motivos e dos objetivos”. (BENTO, 1989: 32)

“ocorre que o desporto, como qualquer acontecimento cultural, é sujeito a direcionamento de acordo com intenções externas à manifestação, ganhando sempre novos significados. Em outras palavras, o desporto é um jogo de significado intrínseco mas que se torna extrínseco de forma variada no tempo e no espaço”. DA COSTA (1996, p. 46)

Neste encontro dos valores originais do esporte com os valores de cada um (professores, técnicos, alunos, atletas, dirigentes, etc.), é que surgem as várias interpretações e utilizações do esporte, isto é, as várias significações que ele pode ter para cada um. Max WEBER apud JAPIASSU (1994) reforça a idéia acima quando coloca que a significação da estrutura de um fenômeno cultural, pressupõe a relação deste fenômeno com idéias de valor.

É necessário resgatar o esporte na sua origem, bem como desmistificá-lo como prejudicial aos interesses humanistas e denunciar sua má utilização por interesses diversos. Para muitos esta é uma postura ingênua e romântica. Neste mundo calcado no racionalismo, julgo estar faltando a paixão. Julgo estar faltando realmente acreditar em valores mais nobres. O cinismo impera. Quem defende o olimpismo, é tido como visionário. O **fair-play** é incentivado pelos órgãos administrativos do esporte, mas no interior dos vestiários e dos gabinetes, conselhos são dados no sentido de burlar as regras de todas as maneiras, mantendo-se é claro, as aparências. Acredito que a questão passe realmente por uma reavaliação de valores. Reavaliação esta, presente na revisão dos moldes da modernidade, que acontece neste final do século. A questão passa pelo *“Como devo agir?”* (citado anteriormente). E coloca a questão indistintamente nas mãos de todos.

2.3. O movimento humano e o esporte

O esporte tem por matéria prima o movimento humano, este é a base do esporte, pois através do movimento humano o esporte o dá.

O movimento humano sempre foi alvo dos estudos na área do esporte, não no sentido de realmente captar sua ampla significação, mas sim na direção de uma análise que pudesse incrementar os treinamentos e por consequência, obter a melhoria do desempenho dos atletas.

Não estou propriamente julgando estes estudos, mas já que os mesmos preocupavam-se em aumentar o rendimento, eles deviam preocupar-se em estudar a totalidade do fenômeno, mesmo com vistas ao resultado, visto que o movimento humano, como já foi dito anteriormente, é expressão de uma corporeidade, é expressão do ser-no-mundo, é expressão de vida. O movimento humano analisado sob o ponto de vista reducionista da biomecânica embasada na física tradicional por exemplo, pode colaborar para a melhoria de alguns aspectos, mas não para um verdadeiro entendimento que possa orientar a ação. SANTIN (1996), coloca que a biomecânica pode colaborar mais para este entendimento desde que vá:

“[...] além dos modelos matematizantes e geometrizes, a fim de encontrar os mecanismos de comunicação do ser vivo e inspirar-se na instabilidade das crenças ecológicas. Isso significa ter consciência de que não se está diante do concreto, do estável, de coisas prontas a serem manipuladas, mas diante do imprevisto, do indefinido, do acaso ou do vazio”. (pág. 70)

Mas isto realmente passa pela concepção de ciência que cada um tem. Se alguém está acostumado (como é de praxe para a maioria de nós ocidentais), a simplificar para entender, este alguém terá imensas dificuldades para trabalhar com as questões do subjetivo tão presentes no movimento humano.

O mais comum na literatura da educação física/esportes, é a presença de estudos que privilegiam a técnica dos movimentos, mas não o significado subjetivo dos mesmos. Os *gestos*² técnicos de cada esporte (fundamentos), sustentam a estrutura do jogo em si e possuem o significado objetivo de manter as características de execução de cada modalidade. Ao mesmo tempo, o gesto técnico possui também um caráter subjetivo, pois podemos imputar a cada gesto, nossos próprios valores de vida que se refletirão na compreensão destes gestos técnicos e na sua utilização. Exemplo: o passe de peito no basquetebol possui uma técnica formal de execução, permitindo algumas poucas modificações e/ou adaptações a cada situação na qual ele acontece no jogo. Mas o passe de peito não pode fugir à técnica básica do mesmo, sob pena de não se estar praticando um fundamento que deve compor a totalidade deste esporte. O que deve ficar claro é que ao se executar um passe de peito em um jogo, além da execução da técnica eu faço este gesto com uma intenção intrínseca minha, isto é, o gesto é meio para se chegar a um fim, o gesto não é neutro no sentido de que posso pretender obter através dele a vitória dentro das regras ou vitória a qualquer preço.

² "um gesto é uma ação feita em conformidade com uma regra" RICOEUR (1988: 37)

O movimento humano é expressão significativa de uma corporeidade, ele comporta uma intencionalidade. Cada ação humana, cada movimento humano pressupõe uma realização de valores, sendo cada sujeito, uma concepção de mundo. Sendo assim, posso dizer de acordo com BUYTENDIJK (citado anteriormente), que se o movimento humano é determinado por uma esfera de valores que dão significação a esse movimento, portanto, quem pratica esporte, outorga significação aos seus movimentos de acordo com os valores que regem sua vida.

“Fica assim, evidenciado que as significações dadas ao movimento humano e ao desenvolvimento do corpo nas atividades esportivas, estão intimamente associadas às experiências existenciais e às práticas do mundo social”. SANTIN (1994, p. 61)

No movimentar-se de cada um no esporte, estes significados vão se construindo no encontro dos valores de cada um, com os valores próprios do esporte e ainda no encontro com os valores do outro. Este encontro se dá no mundo dos esportes que faz seu chamamento, através da intenção de cada um e com a presença do outro que ajuda a construir através desta presença e de seu olhar.

CAPÍTULO II

OS ALUNOS FALAM

Neste capítulo apresento os depoimentos dos alunos contactados neste trabalho. Com o objetivo de melhor situar o leitor no contexto deste trabalho, faço uma descrição das condições encontradas nas escolas.

Nas duas escolas as turmas são separadas por sexo e a aula de educação física acontece dentro do turno de aula de cada turma. Existe uma mistura de níveis sociais nas duas escolas, sendo que os alunos da escola pelotense tendem mais para a classe média em relação aos alunos da escola portoalegrense.

A escola de Porto Alegre possui três quadras abertas e um razoável espaço livre como pátio. A escola de Pelotas, além de possuir também três quadras abertas e um bom espaço de pátio, possui um ginásio coberto com uma quadra polivante.

O material de trabalho como por exemplo bolas, cordas e implementos para a prática do atletismo, se equivalem nas duas escolas. A escola pelotense possui muito material para a prática da ginástica artística. A escola portoalegrense possui reduzido material para esta modalidade esportiva.

Os alunos contactados frequentam a aula de educação física e além de praticar esporte na aula, na sua grande maioria também participam de equipes das escolas. Na escola de Porto Alegre, os treinamentos das equipes são feitos geralmente no horário da aula de educação física, isto é, quem vai representar a escola **treina** na aula e os outros fazem outra atividade. Já na escola de Pelotas, existem horários de treinamento independentes da aula. Durante a aula todos participam e ao treino, frequenta quem faz parte das equipes.

As modalidades esportivas praticadas por estes alunos variaram entre: atletismo, basquetebol, voleibol, futebol e handebol.

Os encontros tenderam para a informalidade e liberdade de expressão, em parte por minha experiência anterior quando vivenciei a escola como professora estadual e municipal e isto veio facilitar minha abordagem aos alunos, e de outra parte, por ter a grata surpresa de conversar na escola de Pelotas com alguns alunos que anteriormente foram meus nas séries iniciais.

“Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986: 33-34).

Gostaria de salientar que nem todos os alunos tiveram facilidade de expressão ao responder às minhas indagações. Muitos comentavam: “[...] nunca pensei sobre isto!”, outros ainda diziam que tinham uma idéia sobre a questão mas: “[...] não sei como dizer”.

A princípio, a faixa etária atingida que foi dos 12 aos 18 anos, poderia ser a explicação, pois os alunos mais novos poderiam ter menor vivência sobre o assunto, mas verifiquei que os **titubeios** não foram privilégio dos mais novos, mas sim diversificados dentro da faixa etária acima. Sou levada a crer que as questões do movimento humano e do esporte não são explorados na aula de educação física na escola, ocorrendo portanto falta de clareza de alguns alunos.

Saliento também, que a maneira na qual a maioria dos alunos se expressaram, denota um hábito de falar a partir da função do objeto em questão e não do próprio objeto.

A partir das questões propostas e das respostas dadas pelos alunos, a classificação foi feita. Devido a diversidade dos depoimentos, pois as perguntas foram abertas, a classificação do material não foi fácil de fazer. Em contra-partida, foi possível apreender alguns depoimentos bastante ricos e interessantes.

A primeira classificação refere-se ao movimento humano na visão dos alunos e esta divide-se em: a) o movimento humano como ação física; b) o movimento humano

como necessidade; c) o movimento humano como ação coletiva; d) o movimento humano como expressão.

A segunda classificação refere-se a relação movimento humano e esporte. Esta classificação divide-se em: a) o que os alunos estabelecem como a relação movimento humano e esporte; b) como os alunos entendem o gesto técnico no esporte.

A terceira e última classificação diz respeito aos significados do esporte. Esta classificação foi dividida em: a) a compreensão de esporte; b) os valores e os sentimentos presentes no esporte.

Acrescento que no transcorrer da exposição das idéias dos alunos, faço uma interpretação das mesmas com base em minhas vivências e leituras. Saliento ainda, que alguns aspectos que não foram expressos verbalmente pelos alunos em seus depoimentos, mas que chamaram a atenção durante as conversas (expressões, os próprios titubeios, a empolgação ou não em responder), influíram na interpretação dos depoimentos e principalmente na condução da conversa com cada aluno.

Por fim, acrescento que estão transcritos neste capítulo os depoimentos mais significativos e representativos dos alunos.

Obs.: o sinal ➡, indica fala de aluno.

1. O movimento humano na visão dos alunos

Este primeiro tópico refere-se as várias visões que os alunos possuem a respeito do movimento humano. Estas visões estão baseadas em suas vivências e traduzem variadas formas de pensar.

a) O movimento humano como ação física

Esta classificação diz respeito aos significados do movimento humano que denotam princípios físicos de compreensão do movimento humano. O movimento humano segue leis e princípios mecânicos. 17 alunos responderam dentro desta perspectiva.

- ⇒ *Nada se movimenta a não ser que uma força aja sobre ele. Uma folha só se mexe se o vento age sobre ela. Tem que haver uma força agindo sobre o corpo para que ele se movimente.*

- ⇒ *Se algo não está parado é porque tem uma força sendo exercida sobre ele. Quando eu pico a bola eu exerço uma força sobre ela, por isso ela está se movimentando.*

Os depoimentos destes alunos vão ao encontro do conceito tradicional de trabalho da física newtoniana: “em mecânica, trabalho é definido como o produto da força aplicada sobre um corpo, e da distância pela qual este corpo se move na direção na qual a força atua” HAY e REID (1985, p. 67).

Desta maneira o movimento humano é tomado na perspectiva de um trabalho e a força causadora deste movimento/trabalho pode até ser exterior ao próprio ser que se move.

Os depoimentos abaixo estão dentro desta mesma linha, mas com um pequeno avanço em direção ao humano do movimento, pois existe alusão ao exercício, ao exercício feito pelo homem.

- ⇒ *Tudo é movimento, é exercido, é até quando estamos dormindo. Os carros, os animais se mexendo. O ar se mexe. O movimento é o deslocamento de algo para um lado ou outro.*

- ⇒ *O Movimento Humano é exercício. Quando eu estou me movimentando fazendo exercício, eu mesmo estou exercendo uma força sobre mim mesmo.*

- ⇒ *O Movimento Humano é a forma que as pessoas tem de se deslocar. Por exemplo para fazer exercícios.*

O exercício aparece aqui dentro da perspectiva de trabalho colocada acima. O exercício é o produto de uma força exercida sobre um corpo em relação ao seu deslocamento.

Seguem os comentários:

- ⇒ *É uma ação que a gente faz... o teu corpo tá sempre se movimentando, nem que seja no interior dele. É uma coisa que nunca pára.*

⇒ *O Movimento Humano é uma ação das pessoas. O cérebro passa todas as informações pra gente se movimentar.*

⇒ *O Movimento Humano é o movimento dos músculos.*

A perspectiva mecanicista sobressai nestes depoimentos acima, na medida em que coloca o movimento dissociado do próprio executor do movimento.

⇒ *O Movimento Humano é desejo de não ficar parado. A vontade própria faz a gente se mexer. A gente se mexendo lembra uma máquina. A máquina tá sempre funcionando e nós também. A gente precisa de combustível (comida, água) e a máquina também. A máquina depende da gente e a gente depende da máquina.*

As afirmações do aluno acima além de falarem do desejo em um sentido que interpreto como intenção, deixam evidente a perspectiva da interpretação mecânica do movimento humano. Mas ele vai além, na medida em que dota esta máquina-humana de vontade, dota de intenção. Interessante também é perceber que este aluno inverte a relação que geralmente é feita entre o homem e a máquina. Na maioria das vezes a referência para se descrever o corpo humano se movimentando é a máquina em movimento, neste caso o aluno faz uma inversão na medida em que coloca como referência o homem se movimentando e daí surgindo a comparação à máquina. O aluno parte da vida para chegar à idéia de máquina.

b) O movimento humano como necessidade

Esta classificação refere-se ao movimento humano como imprescindível e inerente à própria existência do ser humano. Imprescindível no sentido de suprir necessidades básicas como a nutrição (subsistência). Inerente ao ser humano, por deixar claro a ambição pelo progredir. Seis alunos responderam dentro desta perspectiva.

- ⇒ *O movimento das pessoas é um movimento necessário, para buscar alimento por exemplo.*

- ⇒ *As pessoas se movimentam porque precisam, para se alimentar por exemplo.*

Os depoimentos destes alunos colocam o movimento humano como básico a própria sobrevivência. Estes alunos demonstram uma visão limitada do movimento, de maneira que visualizam como função essencial a alimentação e não levantam outros aspectos do movimentar humano que também podem ser tidos como necessários e essenciais.

- ⇒ *As pessoas se mexem por necessidade. Porque precisam de alguma coisa.*

- ⇒ *Todo mundo precisa se movimentar. Não pode ficar parado porque senão, não acontece nada.*

Aqui o movimento humano é um movimento necessário porque este se propõe alcançar metas as quais cada ser humano quer e precisa atingir para progredir. A este aspecto do movimento humano com o objetivo de progredir bem como o aspecto da

locomoção (que aparece adiante), SANTIN (1987) a eles já se referia em uma tentativa de melhor compreender o movimento humano.

⇒ *Todo mundo se movimenta porque quer chegar a algum lugar, porque quer algo. Sempre tem um objetivo que ela (a pessoa) precisa alcançar.*

A fala deste aluno acima afirma as duas colocações anteriores, mas se pode notar de maneira clara, a intencionalidade da ação humana presente na maneira como o aluno se expressa.

⇒ *Existe o movimento necessário e o movimento para se exercitar. O movimento necessário é aquele que tu precisas fazer para ser alguém na vida ou então o movimento que se faz para ir para lugares. O movimento de se exercitar é aquele que se faz no esporte, na ginástica. Existem também os movimentos revolucionários onde as pessoas se organizam para fazer um ato político. As pessoas se unem para fazer pesquisas, se unem para fazer o movimento acontecer. Os seres inanimados também se movem mas tem que ter uma força agindo sobre eles. Por exemplo, o vento.*

Este aluno demonstra uma ampla visão do movimento humano passando por vários aspectos do mesmo. A fim de melhor organizar o pensamento, divido o depoimento em duas partes. A primeira está colocada dentro da perspectiva do movimento como necessário e a segunda parte, entra no próximo tópico: o movimento humano como ação coletiva.

O aluno classifica o movimento como necessário e como movimento para se exercitar. Neste momento ele está falando do movimento a partir da individualidade do

autor da ação. Ele coloca o movimento como necessário, primeiramente dentro do mesmo ponto de vista dos outros depoimentos deste tópico, que apontam para o progredir ([...] “ser alguém na vida”). Em seguida, aponta para o sentido do deslocamento propriamente dito do ser humano. A mim parece que o aluno faz um contra-ponto entre o movimento necessário e o movimento para se exercitar, no sentido de que este seria mais opcional, vou usar este termo. Isto é, o movimento para se exercitar ele faz se quiser, o movimento para ser alguém na vida ou para se locomover, ele faz por necessidade.

c) O movimento humano como ação coletiva

Esta classificação refere-se a algumas respostas que apontaram o movimento humano como uma ação conjunta, como um esforço de um grupo em busca de algo. O grupo assume uma identidade que se revela no movimento. Dois alunos responderam dentro desta perspectiva, incluo ainda a segunda parte do comentário do último aluno do tópico acima:

- *[...] Existem também os movimentos revolucionários onde as pessoas se organizam para fazer um ato político. As pessoas se unem para fazer pesquisas, se unem para fazer o movimento acontecer. Os seres inanimados também se movem, mas tem que ter uma força agindo sobre eles. Por exemplo, o vento.*

- *Movimento é fazer algo, alguma ação. Existe o movimento participativo, o movimento das pessoas, o movimento de falar, o movimento no esporte, o movimento dos animais, o movimentos do sol e das estrelas e existe também o movimento espiritualista.*

- ⇒ *Movimento é uma organização de pessoas com os mesmos interesses para conseguir seus objetivos. Por exemplo: movimentos literários, estudantis. Tudo na vida é movimento.*

Chama aqui a atenção, nas três colocações acima, a “Perspectiva orgânica do grupo” (MAFFESOLI, 1987), na qual existe uma comunhão de idéias e um sentimento partilhado que mantêm o grupo unido. Esta perspectiva do movimento humano como movimento que parte do grupo e no grupo, vem ao encontro do clima holista que sustenta o ressurgimento neste final do século, do solidarismo e da organicidade de todas as coisas.

d) O movimento humano como expressão

Esta classificação mostra o movimento humano como linguagem. O movimento humano é fala, é expressão, é intenção. A postura denuncia sentimentos, o aperto de mãos revela personalidades, o aceno chama ou manda embora, um sorriso aproxima, uma **cara feia** afasta. Todo movimento humano é um sinal. Treze alunos responderam sob este ponto de vista.

- ⇒ *Movimento é uma maneira de tentar falar com alguém, de dialogar sem abrir a boca.*
- ⇒ *É uma maneira de se expressar. Maneira de se libertar. O movimento me deixa mais leve.*
- ⇒ *O movimento humano é um gesto que eu faço. Um gesto é uma maneira de eu me comunicar com outra pessoa.*

Os depoimentos dos alunos acima, reforçam a colocação de SANTIN (1987, p. 34):

“o movimento do homem se distingue de todos os demais movimentos por ser sempre expressivo e intencional. As outras compreensões são válidas, mas são limitações e, talvez, um empobrecimento da riqueza e da grandeza do movimento humano.”

⇒ *Se movimentar é se expressar e o movimento é essencial também para os músculos.*

Este aluno complementa os depoimentos anteriores acrescentando o fator do desenvolvimento muscular. Não posso dizer que esta colocação parte de um ponto de vista mecanicista, visto que o aluno deixa claro o fator expressão. Digo apenas que este aluno tem uma visão mais ampla do movimento humano abarcando duas nuances de uma mesma manifestação.

⇒ *Todo o movimento começa no cérebro. Mesmo quando eu não penso diretamente em me movimentar, o meu subconsciente pensa. As pessoas se movimentam porque precisam. O movimento é um meio de comunicação entre uma pessoa e outra.*

⇒ *O movimento humano é uma ação involuntária ou voluntária. O movimento voluntário faz você pensar.*

O que deve ser salientado nos depoimentos acima, é a intencionalidade do movimento humano. Ao falar no subconsciente, o aluno não fala em uma ação automatizada, pois o próprio subconsciente pensa. Estes depoimentos também reforçam a colocação de Santin citada anteriormente.

- ⇒ *O movimento das pessoas é resultado de um pensamento. se eu quero andar, eu vou andar. Também existe o instinto que age sobre o movimento, se eu estou com raiva, eu ajo de uma maneira, me movimento de uma maneira.*

Este depoimento deixa entrever a possibilidade do movimento acontecer sem reflexão. O que deve ficar claro é que ao se falar em instinto não se deve confundir com uma ação desligada do autor no sentido de que este não sabe o que faz, porque ao agir instintivamente, cada um mostra na realidade o que é, mostra na realidade o que está incorporado no seu íntimo através da reflexão ou da não reflexão. O instinto não tira a responsabilidade sobre o movimento, apenas o mostra como mais autêntico.

- ⇒ *Movimento humano é o movimento que vem dela mesma (a pessoa), não precisa da ajuda de nada.*
- ⇒ *O movimento humano é um deslocamento que não depende de outra força. ele parte de mim mesma. Ele é expressão, ele é gesto.*
- ⇒ *O movimento humano é próprio das pessoas. As pessoas se experimentam tentando achar uma resposta para si mesmo. O movimento humano pode ser um sinal e transmitir um significado... a gente pode fazer o que quiser.*

Existe aqui o reconhecimento do movimento humano como próprio de cada um, como próprio de cada pessoa. O ser humano é autor do movimento humano. Neste movimentar-se intencional cada um se mostra, se exprime e busca conhecer a si mesmo.

2. A relação movimento humano e esporte

Neste tópico procuro deixar claro como se dá a relação entre o movimento humano e o esporte, de acordo com o que os alunos estabelecem como esta relação e também deixar claro as dificuldades ou facilidades que os alunos encontram para executar os gestos técnicos, bem como suas reações frente a isto.

a) O que os alunos estabelecem como a relação movimento humano e esporte

Existe uma interdependência entre o movimento humano e o esporte. Esta classificação demonstra as várias formas como o movimento humano e o esporte se interligam. O movimento humano pode servir ao esporte. O esporte pode servir ao movimento humano.

⇒ *Se não existisse o movimento humano, não existiria o esporte. O movimento é tudo. Um depende do outro. O esporte é uma maneira de tu te aperfeiçoar e melhorar cada vez mais o teu movimento.*

⇒ *O esporte depende do movimento humano. O movimento é a base do esporte.*

O movimento humano é expressão de vida, o esporte é uma criação do ser humano que vive no mundo, que se move no mundo. O movimentar-se no esporte é uma maneira de estar no mundo, é uma maneira de experimentar, de conhecer e de viver.

⇒ *O movimento das pessoas no esporte é o movimento para se exercitar, não é só porque precisa, é muito melhor. A gente fica melhor de saúde. Se eu não*

me movimenta-se muito, eu seria gordo. Eu me movimento no esporte prá ficar bem de saúde e também porque eu gosto, é uma diversão.

- ⇒ *O esporte depende do movimento. Se alguém gosta de determinado esporte, esta pessoa fica mais motivada para se movimentar. É bom prá saúde.*
- ⇒ *O movimento humano no esporte é prá melhorar a saúde e ficar com mais agilidade.*

Para os alunos acima, a relação vai direção da melhoria da saúde. O movimentar-se no esporte tem o significado de promover este aspecto. O primeiro depoimento ultrapassa o aspecto saúde e relaciona o movimentar-se no esporte ao divertimento. A saúde é um aspecto que pode levar alguém a movimentar-se fazendo esporte, pois o movimento humano e o esporte podem ser produtores de saúde, mas julgo ser uma visão reducionista, visto que o esporte pode oportunizar outras vivências aos praticantes.

- ⇒ *A gente tem que praticar esporte para melhorar os músculos. Tem que fazer certos movimentos para ter um salto bom. No jogo cada um faz um movimento para ajudar o grupo à alcançar alguma coisa. Pode ser o competir e ganhar, pode ser se movimentar lutando por alguma coisa, mesmo que não ganhe, valeu por tentar.*

No depoimento acima aparece a relação com a melhoria do condicionamento físico, mas o aluno faz outra relação ainda da utilização deste ganho físico, com o movimentar-se no esporte junto aos colegas para atingir um objetivo. Se ele estiver melhor fisicamente, poderá colaborar com o grupo de maneira que o objetivo do esforçar-se juntos, seja alcançado.

- ⇒ *Quem pratica esporte tem uma movimentação mais rápida e mais ágil e isto traz benefício. Traz benefício porque quem pratica um esporte e se dedica, vai praticar razoavelmente bem todos os outros esportes. E também, quem pratica esporte tem melhor movimentação do que quem não pratica.*

Na medida em que nos experimentamos em nosso movimentar no mundo, passamos a saber o que podemos e o que não podemos fazer. O movimentar-se no esporte, propicia ao praticante outras experiências que o movimentar-se em outras instâncias não oferece. O conhecer e o desenvolver a si mesmo no mundo do esporte, instrumentaliza o praticante com uma gama de movimentos que podem ser transferidos para a vida. A colocação do aluno acima, está dentro deste ponto de vista.

- ⇒ *Eu não posso fazer um esporte estando parado, eu tenho que estar correndo, andando... Estar andando na rua é uma necessidade e no esporte a gente se movimenta porque quer. Quando eu me movimento na rua eu faço sem pensar, sem preocupação, mas no esporte eu me movimento pensando em melhorar naquele esporte.*

Primeiramente surge a relação do movimentar-se no esporte como opção. Esta opção vem ao encontro do caráter do jogo que está presente no esporte, ou ao menos deveria estar. O jogo é livre à participação de quem quiser participar e por isso mesmo é prazeroso. Para o aluno acima, o movimentar-se no esporte é ensejo para o pensar para realizar, é ensejo para sentir o próprio movimento, é ensejo para sentir-se...

- ⇒ *O movimento humano no esporte trabalha a coordenação motora. Ele também diz como é a tua personalidade, se tu és agressiva ou não. O esporte consegue demonstrar como é que tu és te relacionando com as pessoas.*

- ⇒ *No esporte o movimento humano também é expressão. Pode-se analisar uma pessoa fazendo esporte e ver como ela é. Existe uma necessidade do ser humano se movimentar praticando esporte. Pelo lazer, prá conhecer o corpo, para desligar dos problemas.*

O movimento humano é expressão de uma presença no mundo. O esporte é palco e é ator para o espetáculo do movimento humano. É palco porque propicia a encenação de cada um ao movimentar-se neste palco, ao expressar-se nele. É ator porque através de seus elementos, o esporte age junto a cada um permitindo a sua exposição, ao mesmo tempo que influencia o ator que somos. É uma troca, onde cada um inevitavelmente se mostra.

- ⇒ *O movimento humano no esporte é garra, é vibração. Este é o significado do movimento humano no esporte para mim. O passar a bola para alguém na quadra pode ser solidariedade, porque eu vou partilhar a garra e a vibração.*

Ao passar a bola e compartilhar seus sentimentos, existe uma agregação do grupo que está voltado para o objetivo comum. A afirmação acima vai ao encontro da “perspectiva orgânica do grupo” (citada anteriormente). MAFFESOLI (1987), coloca que o “cimento da agregação” é composto pelo vivido, pela proximidade, pelo emocional. Ser solidário partilhando garra e vibração é consolidar o grupo.

- ⇒ *O movimento humano é essencial no esporte. Sem ele não ia dar para arremessar um dardo ou chutar uma bola. Um vive do outro. O movimento vive do esporte e o esporte vive do movimento. Tu podes fazer várias coisas, tu podes fazer algo que nunca imaginou fazer... uma bicicleta no futebol... tu podes inventar... Quando eu arremesso um dardo, eu preciso do dardo e o dardo precisa de mim! No futebol tem vezes que eu posso fazer um drible que eu nunca fiz na minha vida... eu posso criar! Eu preciso dos meus colegas no futebol para me passarem a bola e eu passar para eles, é um movimento em conjunto para atingir um objetivo.*

O depoimento acima é um bom exemplo da interação homem-mundo (mencionado anteriormente), na qual os significados do movimento humano se constroem. O chamado do mundo é feito pelo dardo que precisa ser arremessado; pela situação no jogo de futebol que propicia a bicicleta. O si mesmo interior se revela no arremessar do dardo; ao criar e/ou experienciar um drible nunca antes feito. O olhar do outro se mostra solidário no passar a bola entre os companheiros que se apóiam e procuram juntos um mesmo objetivo.

b) Como os alunos entendem o gesto técnico no esporte

Esta classificação destaca aspectos relativos a aprendizagem e execução dos gestos técnicos (fundamentos). Cada aluno tem sua própria maneira de encarar e lidar com suas dificuldades e/ou facilidades.

- *Pergunto pro técnico, olho prá ver como é que os outros fazem. Com o tempo eu tento aprender... É como se fosse um desafio!*

- *Eu persisto pra me aperfeiçoar cada vez mais.*

- *Peço ajuda porque quero me superar.*

BUYTENDIJK (1977), nos fala que nas competições juvenis, o jovem adquire o gosto pelo risco colocando à si-mesmo em prova. Este testar a si-próprio é vivenciar a própria identidade em relação ao futuro. É saber o que eu posso e o que eu não posso fazer.

- *Tento fazer certo, se eu erro eu volto e tento fazer certo. Tento fazer o mais certo possível porque é uma coisa que eu gosto de fazer!*

Este tentar fazer certo, soa como uma necessidade para aumentar o prazer de praticar esporte. Passa pelo desafio mas não se fixa nele, vai até o prazer do fluir do movimento!

- *Eu encaro com vontade, eu me dedico porque vai ser melhor pra mim. Pra jogar melhor e isto vai dificultar para os outros.*
- *Primeiro eu gosto de ver para depois fazer e eu encaro que tenho que aprender porque vai ser melhor pra mim... Porque vai aumentar o número de movimentos que eu sei fazer. Pra ser uma boa jogadora, pra ser uma boa atleta e isto me traz satisfação pessoal!*

Além do desafio da superação, existe pra estes alunos acima a ambição do **jogar melhor**, do sobressair-se em relação ao grupo. Quem sabe até a ambição de um futuro no esporte!

- *Procuro a forma melhor de conseguir fazer mas nem sempre consigo... é um limite que eu tenho. Talvez eu não seja tão persistente ao ponto de ir fundo!*
- *Fico triste, tento melhorar e se não consigo fazer, parto pra outros.*

Já para estes alunos também existe um sentido de esforço pela melhora, mas isto parece estar bem trabalhado para eles. A cobrança íntima vai até o limite de cada um. Após, existe um conhecer a mais de si-mesmo e conseqüentemente a auto-aceitação.

☞ *Sempre sinto dificuldade. Eu tento fazer o melhor possível apesar dos meus colegas rirem porque eu tenho uma dificuldade na perna por causa de uma cirurgia mal feita. Mas agora já está melhor, já conheço o pessoal a mais tempo. Quando não consigo, eu peço para sair um pouco, volto mais calmo peço para fazer sem ninguém me olhando. Eu acho que é o fator de ver os outros me olhando que me deixa nervoso. Eu volto pra fazer porque gosto, se fosse obrigado eu não faria. Faço porque gosto, indiferentemente, de conseguir ou não!*

☞ *Eu gosto quando não tem ninguém olhando, só o professor. Se eu erro, fica todo mundo rindo e falando e eu não gosto!*

Na adolescência em nossa sociedade, é absolutamente natural que o adolescente necessite da aprovação do grupo. Só assim ele se sente integrado e aceito. Este olhar do grupo que ri, é um olhar que incomoda e não aceita. Nesta procura do aluno em tentar superar as dificuldades na execução dos movimentos, seu corpo está se construindo, ele está se construindo e portanto necessita, como coloca VAN DEN BERG (1965), de um olhar de “aceitação”, de um olhar “amoroso” que apoie e justifique o corpo.

☞ *Eu tenho dificuldade e quando não consigo, eu fico de bagunça e se fica todo mundo quieto, não tem graça. Mas tem vezes que eu tento até em casa e quando consigo fico feliz!*

A atitude do aluno acima é típica nas aulas na escola. Nós sempre vamos ter aquele aluno que não pára quieto, que atrapalha. Mas na realidade o que ele quer é conseguir se superar e melhorar. Longe daqueles aos quais ele tem que passar uma postura de **não estou nem aí**, ele tenta, consegue e vibra.

- *Eu sinto que tô lá no chão, que eu não tô mais progredindo. Mas tento me esforçar pra fazer aquilo que a professora pede. Quero ver se o meu futuro tá aí no atletismo. Representar o Brasil... Eu me esforço porque eu quero ver todo mundo lá embaixo. Sinto felicidade de ver que eles tentaram e não conseguiram e eu tô lá em cima!*
- *Não tenho dificuldade para fazer e eu gosto de ir mais fundo e alcançar aquele objetivo do esporte. Cada vez melhor, cada vez melhor e alcançar a fama!*

A ascensão social através do esporte! Não se pode estranhar as colocações dos alunos, até pelo contrário, com a mídia todos os dias colocando uma visão de esporte que privilegia somente o 1º lugar e não o esforço, atletas que ganham milhares para representar nossos selecionados nacionais sem se levar em consideração as necessidades do povo, que inclusive apóia esta atitude. Portanto, é perfeitamente normal que o aluno veja no esporte seu meio de subir, e de subir bem alto. Para estes alunos, praticar esporte não parece envolver prazer, ou melhor, o prazer está presente, mas não pelo o que o esporte intrinsecamente pode oferecer, mas sim pelo que se pode atingir e que está além do próprio esporte.

- *Sinto força de vontade pra tentar melhorar. Sinto harmonia com a professora e um dia quando eu não estiver com ela, eu vou me lembrar do que ela me ensinou e eu vou ensinar pra outras pessoas.*

Sem deixar de fazer menção à colocação acima, devo dizer que existiram alguns alunos que disseram não ter nenhuma dificuldade e sim facilidade. Dentre estes alunos, utilizo um deles que vem de encontro com o dizer acima:

- *Eu tenho facilidade e a professora pede pra mim ajudar os outros a fazer!... Mas a gente tem que gostar de fazer... Se a gente não gostar vai fazer tudo*

errado, mas se fizer com vontade a gente vai fazer do jeito certo. Tem vezes que eles mesmos pedem pra mim ajudar porque eles querem fazer certo. Eles têm que subir também, não é só eu!

Para alguns alunos o compartilhar no esporte é mais importante do que o evoluir sozinho. Talvez para alguns baste o subir e contemplar quem está embaixo. Talvez para outros seja necessário subir acompanhado, porque deve ser triste chegar em cima e não ter com quem dividir o prazer de estar lá.

3. Os significados do esporte

Neste tópico, apresento os vários significados apreendidos e presentes no esporte praticado na escola por estes alunos. Lembro que estes significados surgem de um encontro de valores, de um encontro de subjetividades. Encontro este que se dá no mundo do esporte conjuntamente ao mundo da escola. Dividi este tópico em dois subtópicos, a ver: a) A compreensão de esporte; b) Os valores e os sentimentos presentes no esporte.

a) A compreensão de esporte

Esta classificação diz respeito a idéia, ao conceito de esporte que cada aluno possui. É claro que a compreensão do esporte passa por um encontro de valores, mas

passa também pela questão básica de se ter trabalhado ou não formalmente este conceito na escola.

- ⇒ *Esporte prá mim é longevidade, saúde.*
- ⇒ *Esporte é exercício físico, é lidar com o corpo humano prá ficar mais forte.*
- ⇒ *Esporte é atividade física, é se movimentar para ficar bem de saúde.*

Grande parte dos estudos da área da educação física/esportes, mostram que um dos meios de valorizar nossa área foi o tratamento **científico** que grande parte dos pesquisadores deu às nossas questões. Procuraram eles a guisa de legitimar nossa cientificidade, aproximar-nos dos estudos da medicina. Atividade física para cardíacos; para obesos. Portanto, esta idéia de esporte como promotor da saúde é comum, pois a valorização da educação física partiu deste ponto. Não se pode negar, e nem é esta minha intenção, que a atividade física promove melhoria da saúde (quando bem orientada), mas resumir a questão do movimentar-se no esporte à este aspecto é que me soa prejudicial.

- ⇒ *Esporte prá mim é uma força de eu aperfeiçoar o meu corpo, ter controle sobre ele. O esporte me deu mais coordenação, um pouco mais de controle e é uma forma de competir também.*

O depoimento do aluno acima, deixa entrever uma aparente dissociação entre o aluno e seu corpo. O corpo que aparece, é trabalhado pelo esporte para que o **dono** do corpo possa controlá-lo. O corpo é uma outra entidade além dele mesmo. O esporte é

um meio de exercer controle sobre esta entidade e coadjuvadamente, o esporte propicia a competição.

⇒ *Esporte é lazer puro, é tudo o que diverte.*

⇒ *Esporte é um lazer, é um hobby.*

A palavra lazer remonta à ocupação do tempo livre da mesma maneira que a palavra hobby, que vem do inglês, nos leva à passatempo. O esporte aqui assume uma conotação do fazer pelo prazer, fazer porque se quer fazer. Apesar da prática do esporte na escola não poder ser colocada como uma ocupação do tempo livre visto que é uma atividade curricular, o fato é que o fator prazer, o fator diversão, o fator de fazer porque se quer fazer, está muito presente.

Alguns alunos além de colocar a questão desta forma, vão um pouco adiante:

⇒ *Diversão, lazer... uma brincadeira com um pouco de seriedade. Seriedade no sentido de compromisso. É ruim jogar só brincando e sem seriedade! Saindo jogo sério é melhor. Jogo sério é quando todos se esforçam!*

Para este aluno o prazer de praticar esporte está ligado ao esforço de se fazer o melhor. Ele se diverte praticando, mas para a diversão ser a contento, todos devem ter o mesmo espírito de superação, para que desta maneira todos os aspectos se completem. Pode-se também perceber que para ele brincadeira e jogo andam muito perto.

Como diz HUIZINGA (1980), todo o jogo significa alguma coisa. Em todo o jogo existe alguma coisa “em jogo”. Portanto, este caráter da brincadeira com um pouco de seriedade vem exatamente desta noção que existe algo em jogo. Devemos nos divertir, mas devemos nos esforçar porque temos um objetivo à alcançar, que talvez para alguns se confunda ou então ultrapasse o simples divertimento.

BUYTENDIJK (1977), também nos fala de um auto-compromisso dos participantes com o jogo, que vai ser maior ou menor de acordo com a “seriedade” do jogo. A alegria de participar se liga à seriedade na participação.

- *Esporte é jogo, é quando a gente está com outras pessoas fazendo uma atividade física juntos. Quando se quer divertir e ganhar!*
- *Esporte é um jogo onde muitas pessoas se divertem. Pode ter competição... Tudo o que abrange o movimento.*

Realmente o esporte é uma forma de jogo e as colocações acima contemplam aspectos básicos do esporte como o lúdico, o agonístico e o movimento humano. A competição mencionada aqui, é também um estar próximo a alguém, estar com alguém, um esforçar-se juntos.

Esta questão do estar-junto para competir, do estar-junto competindo, esforçando-se juntos, fica evidente nas expressões destes alunos:

- *É onde a gente aprende a competir, onde conhece pessoas e cria amizades.*

⇒ *É poder fazer amigos... É poder chegar em primeiro, ganhar!*

⇒ *Esporte é exercício que eu faço junto com os outros quando a gente quer marcar pontos.*

Esta proximidade, este compartilhar de objetivos, este vivenciar em comum, como coloca MAFFESOLI (1987), é o que une, é o que dá um “sentimento coletivo”. A prática do esporte nos remete a isto. Existe algo em comum que nos mantém unidos. Formamos um grupo que se reconhece por sinais que são evidentes para quem de alguma forma participa do grupo.

Dentro deste mesmo ponto de vista seguem os comentários destes alunos:

⇒ *Eu gosto das pessoas que praticam esporte, parece que elas parecem comigo. A maioria dos esportes que eu pratico, é para me manter junto às pessoas. Eu desenvolvi muito o meu jeito de ser a partir do esporte.*

⇒ *Eu gosto um monte de esporte, não posso ficar sem praticar. É uma coisa conjunta, o coleguismo, ficar dentro da quadra com os teus colegas, é bom!*

⇒ *Conforme a gente pratica, vai gostando cada vez mais. É bom estar com outras pessoas e competir. Eu pratico atletismo, tu vai correr. Quando tu entra numa pista, tu não entra sozinho, tu entra com outras pessoas pra competir. É bom. A gente pode ganhar ou perder!*

HUIZINGA (1980) em seu *Homo Ludens*, também nos fala da sensação de estar “separadamente juntos”, mesmo depois do jogo estar terminado. Existe um sentimento que une permanentemente os jogadores. No nosso caso, os praticantes do esporte.

A afirmação do aluno abaixo, também nos remete à uma proximidade do dia-a-dia que os praticantes de esporte mantêm.

☞ *É uma forma de vida, é que nem relacionamento com família, tu nasce com ele, vive com ele e vai sempre viver com ele.*

Mas este estar junto no esporte nem sempre é encarado de uma maneira tranqüila. Vejamos o depoimento do aluno abaixo:

☞ *O esporte é um campo de batalha. Porque é a briga por uma coisa, a briga pela vitória. O time que está do outro lado, prá mim é o inimigo. E prá ultrapassar este inimigo eu vou jogar com garra, bater... Eu sou um anti-desportista, sou bastante esquentado da cabeça... Esporte mesmo é quando as pessoas jogam sem querer ganhar ou perder, com os amigos por exemplo. O anti-desportista quer ganhar de qualquer maneira. É mais violento. O outro é inimigo. Se eu me irrita com um cara, eu dou uma paulada nele e isto é completamente anti-desportivo. Se é meu companheiro de treino, eu jogo com ele com solidariedade. Se não, é meu inimigo.*

Este aluno centra seu depoimento no aspecto agonístico do esporte, mas ele dá um sentido extremo ao agon, ultrapassando a luta pela superação e chegando à luta para vencer por meios não lícitos. Ele faz um paralelo entre o esporte e o anti-esporte, se posso assim dizer, na medida que relaciona a camaradagem e a solidariedade como valores do esporte e a violência como inerente ao anti-esporte. Coloca a ele mesmo

como um anti-desportista, parecendo estar ciente que esta atitude não é a mais correta, mas insiste nela. A solidariedade e o compartilhar, só tem valor em relação aqueles que ele reconhece como grupo. O adversário não é um companheiro na disputa, é um antagonista, mesmo que o próprio nem saiba disto...

Surgiram também opiniões que foram um pouco em outras direções:

- ☞ *Esporte é a maneira mais fácil da pessoa se ocupar sem prejudicar os outros. Praticando esporte tu tens como evitar as drogas, porque se tu fazes um esporte é porque tu gostas.*

Este aluno demonstra claramente um dos objetivos que sempre foi determinado ao esporte pelos seus **mentores** e que faz parte do senso comum. O esporte como meio de desviar o jovem do **mau caminho**. O esporte também como meio de desviar o jovem das descobertas da sua sexualidade. Que fique claro que não estou defendendo o uso das drogas, mas não me agrada ver o esporte que pode ser gostado pelo prazer que ele proporciona, sendo valorizado por sua função de desvio.

Outra conotação do esporte, é a de **válvula de escape**:

- ☞ *Esporte prá mim é um meio de colocar as coisas prá fora. É um jeito de esquecer dos problemas. Eu gosto de me mexer e no esporte eu penso em mim e não nos problemas.*
- ☞ *O esporte faz bem prá mim, alivia a minha cabeça. O esporte prá mim é isto, é poder botar as coisas prá fora. Botar as coisas prá fora é deixar eu ser como eu estiver me sentindo, falar o que quiser...*

O esporte propicia aos alunos acima, que eles expressem e extravasem suas emoções. O movimentar-se no esporte, faz liberar suas tensões. O esporte é espaço pra que eles centrem-se neles mesmos.

b) Os valores e os sentimentos presentes no esporte

Valores e sentimentos andam muito juntos. As sensações íntimas estão calcadas em valores, estão calcadas no mérito que certas ações, objetos, lugares, pessoas ou fenômenos possuem. Esta classificação refere-se justamente aos valores e aos sentimentos expressos pelos alunos em relação à prática do esporte.

- *Eu sinto emoção de jogar, sinto vontade de estar ali.*
- *Sinto emoção porque gosto de fazer aquilo... é emocionante.*
- *Eu sinto emoção de estar ali compartilhando o esporte com meus colegas.*

A palavra emoção é ampla, pode designar os mais variados tipos de sentimentos. Para estes alunos emoção passa um significado prazeroso, um significado de satisfação.

- *Esporte é emoção. Uma aventura. Emoção de ficar triste, emoção de ficar alegre, emoção de sentir prazer.*
- *A emoção do futebol é a corrida, o atrito com os outros jogadores, as brigas que dá...*

Os depoimentos acima deixam mais claro o que seria esta **emoção** do esporte. A incerteza do resultado do jogo, o risco que se corre, o divertimento que acontece, o movimentar-se, o estar-junto ao outro e até mesmo o desencontro de opiniões, as **entradas duras** que podem gerar conflito. Para eles, isto é emoção!

- ☞ *Eu fico alegre de estar junto com os outros praticando.*
- ☞ *Eu me sinto bem, me sinto alegre de estar com meus amigos.*
- ☞ *Me sinto mais leve e mais feliz praticando esporte. Dá alegria, dá satisfação por estar ali. Muitas pessoas não tem esta oportunidade. A oportunidade de ter uma quadra prá jogar e um professor prá ensinar!*

Mais uma vez o fator da proximidade, do compartilhar. Eles se sentem alegre e e felizes pelas vivências que o esporte propicia. O último depoimento aponta para outro **porquê** da alegria: a conscientização de que nem todos são iguais, nem todos possuem as mesmas chances na vida. Este aluno valoriza para ele, o que muitos não tem.

Na mesma linha da alegria, aparece o prazer. Prazer que pode ser um contentamento, uma alegria, uma sensação agradável. A satisfação de nossos desejos dá prazer (LEPARGNEUR, 1985).

- ☞ *Eu me sinto realizado praticando esporte. Eu sinto muito prazer jogando. Sinto limitação e às vezes me sinto até poderoso porque consigo fazer melhor que algumas pessoas. Além do prazer de jogar por jogar, sinto prazer de jogar relativamente bem alguma coisa!*

Aqui o prazer da prática do esporte pode ser interpretado de mais de uma maneira. O aluno acima demonstra satisfação por poder movimentar-se praticando esporte. Mas este prazer vai ser maior ou menor de acordo com sua habilidade na prática do esporte. Jogar **bem** dá satisfação porque os movimentos fluem com maior facilidade ao mesmo tempo que dá ao aluno um **status** em sua comunidade esportiva. Passa pela aprovação dele mesmo e pela aprovação do grupo. O aluno reconhece que tem limites, mas ao mesmo tempo se envaidece do que faz ou pode fazer.

⇒ *Depois de um tempo jogando eu me sinto cansado e sinto prazer também. Eu tenho um amigo que é deficiente e ele não pode praticar esporte, então eu comparo e fico contente que eu posso me movimentar praticando esporte.*

A prática do esporte aparece no depoimento acima, como algo desejável e portanto, passível de dar prazer a quem pode praticar, a quem pode se mover dependendo apenas de sua vontade, de seu desejo.

⇒ *A sensação de estar competindo dá prazer... A ginástica não dá prazer! Fazer ponto dá motivação. Na ginástica não! A possibilidade de vencer dá mais entusiasmo.*

⇒ *Esporte é prazer, prazer de poder jogar, de estar jogando. É o prazer de estar competindo. Não importa se eu ganho, se eu perco ou se eu empato.*

A competição que é inerente ao esporte, surge como fator de prazer, de satisfação. Não basta para estes alunos movimentarem-se em qualquer atividade física, é

necessário a presença da disputa para que exista motivação. E esta disputa, esta tensão que existe na competição, é fator de prazer.

☞ *Eu sinto prazer de estar jogando, as vezes sinto raiva, me irritado. Sinto amizade também. A maior parte das vezes eu sinto garra.*

No depoimento acima, garra assume o sentido do esforço por conseguir algo. Garra tem o sentido do empenho e este esforço, este empenho, é fator de prazer para o aluno. A raiva e a irritação são momentos dentro do esforço, mas não são o mais significativo.

As colocações dos alunos acima (que se referem ao prazer), vão ao encontro da constatação de BETTI (1992), em sua dissertação de mestrado. Ao procurar saber se os alunos sentiam prazer durante a aula de educação física, BETTI observou que a prática do esporte é prazerosa para a maioria dos alunos entrevistados por ela.

☞ *Sensação de ter que ganhar.*

☞ *Sinto que eu tenho que ganhar, não posso perder. Senão, fica feio pro meu time.*

☞ *Sinto que é bom correr pra chegar em primeiro. Eu me sinto bem.*

A vitória é objetivo principal para estes alunos, o chegar em primeiro lugar, ser o melhor, é necessidade e não consequência de uma dedicação pela superação dos próprios limites.

- *Se eu perco, eu fico triste e tento melhorar. Esporte é o que eu mais gosto de fazer. É eu estar melhor comigo mesmo!*
- *Sinto que quero ganhar, sinto que quero fazer o melhor. Sinto que estou me divertindo!*
- *Tem vezes que não gosto de perder. Quando o juiz rouba, por exemplo. Mas se o juiz não rouba e eu perco, eu sinto que tenho que melhorar.*

Os alunos acima, sem deixarem de lado a ambição pela vitória, valorizam o próprio esforço por sua evolução, valorizando também o prazer de praticar.

- *Sinto emoção de ficar todo mundo olhando. Quando a gente tá ganhando eu me sinto feliz, mas quando a gente tá perdendo dá vontade de sair.*

A necessidade do destaque em relação à comunidade está expressa. É bom que todos estejam olhando e apreciando, mas enquanto ele está ganhando! Se começa a perder, a comunidade provavelmente não o terá em tão alta estima e portanto é preferível sair do jogo do que correr o risco da perda do **status**.

- *Perder é arrasador. Tem vezes que tu entra sabendo que vai perder, mas quando dá prá ganhar e a gente perde... é arrasador.*

A perda é a não satisfação de um desejo. Posso dizer que é a falta de prazer. A colocação do aluno passa mais pela frustração de não ter feito o melhor, de não ter se esforçado o suficiente, do que pela derrota propriamente dita.

Em relação ao ganhar ou ao perder competindo, mais dois comentários:

- ☞ *... tem gente que não sabe perder ou não sabe ganhar!*
- ☞ *... uns fazem por prazer, outros pra ganhar... ou então os dois!*

Parece estar valorizado na primeira colocação, o respeito que se deve ter em relação ao adversário, ao companheiro de competição. Tanto em relação a valorizar que o outro foi melhor como também valorizar o esforço do outro para ser o melhor e não conseguir. Na segunda colocação parece existir uma separação entre praticar esporte por prazer e praticar esporte para vencer. O aluno também admite que alguém pode praticar pelo dois motivos, mas mesmo com as duas conotações presentes, parece que para ele uma não depende da outra.

No mesmo sentido acima, segue este comentário:

- ☞ *Tem gente que pratica esporte por prazer e tem gente que só quer competir e ganhar. Observo que tem gente que é gananciosa. Eu pratico prá me exercitar e porque eu gosto, esporte é que nem música prá mim, tem que ter sempre.*

Seguem os depoimentos:

- ☞ *Quando jogo volei, me sinto inferiorizada porque jogo mal!*
- ☞ *Quando reclamam que eu errei ou quando eu erro e não gosto do erro, sinto vontade de sair do jogo.*

⇒ *Medo de errar por causa da cobrança dos meus colegas.*

Os sentimentos destes alunos acima, passam uma negatividade em relação à prática do esporte. A tensão me parece maior do que o prazer. Fica claro a necessidade da aceitação pelo grupo. A questão parece precisar passar também pela aceitação dos limites de cada um e pela conscientização do grupo, a respeito destes limites.

⇒ *Eu gosto... Mas às vezes passa raiva. Raiva porque errei... raiva do adversário... raiva quando dão uma falta que eu não fiz...*

O aluno acima expressa bem esta falta de aceitação de suas falhas e da falta de aceitação de que o adversário talvez seja melhor do que ele mesmo.

⇒ *Eu sinto... sinceramente... nervoso. Nervoso de eu não me dar bem ou fazer alguma coisa errada ou então até por fazer alguma coisa certa... Eu me sinto ansioso para fazer o melhor!*

⇒ *Depende, a gente entre em quadra louco pra ganhar, se começa a perder, é aquela raiva desgraçada. Mas eu me sinto bem. Sinto nervosismo antes de começar o jogo, a gente fica olhando o outro time e vê se tem um cara bom... É um nervosismo bom.*

⇒ *Antes de entrar na quadra tem um nervosismo. Depois que começa o jogo ele acaba. É um nervosismo que faz bem. Eu também sinto alegria por estar lá.*

A tensão e a ansiedade fazem parte do jogo e especialmente do esporte.. Se forem trabalhados de forma positiva, podem levar os alunos a progredir tanto a nível da execução dos movimentos necessários para a prática do esporte, como também, à nível

psicológico onde eles podem entender que todos devem evoluir e ao mesmo tempo aceitarem-se e aceitar o companheiro. Companheiro que pode ser da sua equipe ou o companheiro/adversário (companheiro na disputa).

- ☞ *Aí é que o bom... Não me passa um monte de coisas... Eu esqueço que tenho que estudar para a prova, esqueço que tenho que me alimentar... Quando eu tô no jogo penso que tenho que chutar a bola no gol. Isto me traz alegria, emoção, tristeza e, às vezes, raiva até quando eu erro ou quando alguém reclama insistentemente!*
- ☞ *Sinto que eu desligo de tudo e só penso naquilo naquele hora, alivia um monte as tensões. A adrenalina corre solta.*
- ☞ *Desligo das obrigações.*

Novamente aparece a **válvula-de-escape**. Não se pode dizer que estes alunos praticam esporte somente para esquecer seus problemas, visto que demonstram satisfação em vivenciá-lo, mas pelo menos indiretamente o esporte está funcionando como um **refúgio** para eles.

- ☞ *Sensação de liberdade!*
- ☞ *Eu me sinto livre porque eu posso me mexer e fazer um monte de coisas. Ah! Eu posso correr, eu posso chutar, eu posso gritar, sei lá...*

Todo jogo tem suas regras e o esporte por ser jogo não escapa delas. As regras restringem, determinam o que vale. O esporte possui gestos técnicos determinados que devem ser seguidos para cada modalidade. Sendo assim, por que será que o esporte pode

dar sensação de liberdade? Quando se joga, corre-se um risco por algo à alcançar. O esportista testa a si mesmo. O esporte desafia a provar o que ele pode fazer, o que pode criar dentro do limite imposto. E, principalmente, o esporte propicia o movimento, propicia a comunicação, a ligação entre eu e o outro. Eu posso correr, eu posso saltar, eu posso me movimentar... Eu posso rir, eu posso chorar, posso gritar... Eu posso ser eu!

- ⇒ *Esporte é amor, é vida, união!*

- ⇒ *Esporte é amor... mas eu acho que é uma palavra muito forte, mas é quase isto.*

- ⇒ *Amor, eu sinto amor pelo esporte. O esporte é como o amor, é como a vida, mesmo eu gostando de alguém eu posso ferir sem querer e ainda é amor!*

- ⇒ *Eu sinto amor pelo esporte, sinto amor à vitória.*

O esporte passa por muitos significados que talvez até possam se contradizer, mas ele é extremamente complexo e retrata várias realidades de nossa sociedade. O jovem se realiza ou quer se realizar em todos estes desafios e vivências que o esporte pode dar, portanto ele sente amor, porque bem ou mal, no esporte ele pode se expressar e viver seu corpo, viver a si mesmo e se construir.

O fator da violência no esporte apareceu nas entrelinhas:

- ⇒ *Eu gosto da emoção do futebol, é um jogo que pode ser violento como pode não ser...*
- ⇒ *Eu não gosto quando chateiam! É quando alguém entra duro na bola... eu sinto que tenho que dar o trôco!*
- ⇒ *Se eu machuco alguém é sem querer, peço desculpas e vou embora.*
- ⇒ *Não tem nada a ver brigar no esporte, tu faz aquilo porque tu gosta e não prá implicar!*
- ⇒ *Aquela história que o esporte é violento... sei lá... tu que é meio invocado!*

O último comentário para mim é o que deixa mais claro esta questão da violência. Por mais que realmente existam esportes violentos como por exemplo o boxe, a grande maioria das práticas esportivas por si só não são violentas. Acredito, como já dito pelo aluno acima, que cada um expressa no esporte o seu modo de ser. Claro que o esporte ajuda a construir pessoas, mas as pessoas também constroem o esporte. Se eu for violento, o esporte que eu pratico também vai ser...

- ⇒ *Gostar de esporte traz muitas coisas boas no futuro. Sempre se esforçando para cada vez ficar melhor traz felicidade, rendimento bom, a gente fica melhor, pensa melhor, bastante disposição. O que eu mais gosto na prática do esporte é a força, a determinação do desportista de tentar fazer sempre o melhor!*

Fecho os depoimentos com a fala do aluno acima, onde ao meu ver, está realmente o maior sentido do esporte. A superação de si mesmo, a busca da evolução e o prazer de viver.

CAPÍTULO III

O MOVIMENTO HUMANO NO ESPORTE E O ESPORTE NA ESCOLA

Neste capítulo parto de um paralelo traçado entre o movimento humano, o esporte e a escola. Após, passo a fazer uma relação entre os depoimentos dos alunos e o referencial teórico exposto neste trabalho.

1. O movimento humano, o esporte e a escola

Qualquer professor de educação física pode verificar que o ensino do esporte predomina nas aulas desta disciplina, no meio escolar. Não se trata mais de discutir a validade da presença do esporte na escola como meio educacional. O fato é que o esporte está presente na escola, como está presente em toda a sociedade. Vou mais longe! Acredito que o esporte deve estar na escola, pois esta não deve *lavar as mãos* a respeito de manifestação cultural tão expressiva.

A função da escola é educar e acredito que todos nós assumimos a educação física como uma ação fundamentalmente pedagógica. E, como diz SANTIN (1993), a

educação física é a única ação educacional de que todos precisamos ao longo de toda a existência, porque ela cultiva o nosso modo de ser no mundo com todas as suas dimensões, ela cultiva a nossa corporeidade. O esporte é um dos meios da educação física. Estando portanto o esporte na escola, estamos educando através dele? Ele é educativo? Estamos cultivando a corporeidade?

Ora, o movimento humano é expressão que dialoga com o mundo e através deste diálogo existe uma compreensão deste mundo. Se a função da educação física é educar, não seria este educar também facilitar ao aluno, através do movimento humano, esta compreensão do mundo? O conhecimento do que eu posso ou do que eu não posso? Sendo assim, o esporte por trabalhar o movimento humano, pode também trabalhar esta “compreensão-do- mundo-pela-ação” (mencionada anteriormente).

Porém, sabe-se que a realidade que nos é colocada todos os dias pela mídia e aceita como verdadeira, mistifica o esporte e os atletas. Os alunos quando chegam na escola, trazem o padrão do alto nível tanto de execução como dos objetivos a alcançar de maneira geral. Esta visão do esporte elitizado é um fenômeno aceito e cultivado. E este é um modelo cruel. Por esta ligação do esporte com valores estranhos a ele e/ou distorcidos nele, torna-se difícil muitas vezes trabalhar as questões do esporte de maneira mais humanista. Neste caso, justifica-se a preocupação de alguns profissionais que se vêem impotentes para lutar contra as distorções que ocorrem, isto é, a valorização apenas da técnica, do primeiro lugar, e da utilização de meios nem sempre lícitos para alcançar a vitória.

Em consequência destas interferências guiadas pelos mais diversos valores dos envolvidos, alguns professores resistem um pouco em trabalhar a técnica dos movimentos (gesto técnico) de cada esporte, e isto a meu ver, também é uma distorção. Na preocupação de educar, não fazem exigências na execução dos gestos, por julgarem que estarão ferindo os menos capazes ou reproduzindo os valores do alto nível. A questão não está na técnica dos movimentos, mas sim, no significado que eles possuem. Um aluno pode jogar voleibol sem a mínima técnica e reproduzir os valores capitalistas, enquanto que outro aluno tem o desempenho técnico impecável, ao mesmo tempo que respeita os colegas guiando-se por valores mais humanos.

Não se deve esquecer que a nossa função é trabalhar o movimento humano, de maneira que abarque sua totalidade e isto inclui questionar valores e oportunizar que através da técnica dos movimentos, os alunos passem pela experiência do “eu posso”! (mencionado anteriormente).

KUNZ (1994), defende uma “*transformação didático-pedagógica do esporte*” na escola. Esta transformação decorre da reflexão crítica sobre todas as formas da “encenação” esportiva, isto é, discutir com o aluno suas intenções, suas visões sobre o esporte, alertar, conscientizar sobre os significados que ele próprio coloca no esporte. Isto, é claro, passa também pela nossa reflexão e conscientização de nosso papel.

O esporte pode e deve estar na escola. Mas como diz BENTO (s.d.), entender bem o esporte é uma grande tarefa pedagógica.

"Sentir que a vitória é somente uma parte do prazer de jogar, de evitar que na vitória haja derrotas, de conseguir que na derrota haja vitórias; de perceber que o importante é a luta, o empenhamento e a atitude de conquista, porque a vitória em si mesma, após estar consumada, já não é nada; de compreender, de desvendar e considerar em toda a sua extensão, a oferta e a incarnação de estímulos, de situações, de emoções, de simbolismos e significados que o Desporto encerra." BENTO (s.d., p.19)

Acredito que estes valores merecem ao menos uma tentativa de resgate na prática do esporte. Não cabe mais a discussão se o esporte é educacional, ele é sempre educacional. O nosso desafio, como diz SANTIN (1995, p.17), é: *"saber que tipo de educação o esporte que praticamos realiza."*

2. O encontro das idéias

Neste subcapítulo relaciono os depoimentos dos alunos ao referencial teórico exposto no primeiro capítulo deste trabalho. Este paralelo tem por objetivo revelar se e em até que ponto houve relação entre as idéias dos alunos e as idéias expostas anteriormente. Saliento que para melhor organização e acompanhamento, segui a ordem estrutural do capítulo um.

2.1. A explicação causal do movimento humano

O movimento humano como ação física (como assim foi classificado no capítulo anterior), afirma os preceitos da explicação causal do movimento humano.

A relação estímulo-resposta está expressa, por exemplo, na colocação do aluno abaixo:

⇒ *Nada se movimenta a não ser que uma força aja sobre ele. Uma folha só se mexe se o vento age sobre ela. Tem que haver uma força agindo sobre o corpo para que ele se movimente.*

Esta perspectiva causal do movimento humano está impregnada em nossa cultura e mesmo nossa maneira de falar, denuncia esta perspectiva. Já foi colocado anteriormente, que a física clássica embasa a ciência de maneira geral. Nós ocidentais fomos levados à crer que a ciência é a resposta e a salvação para tudo. Portanto, se a ciência acredita nas leis de causa e efeito newtonianas, nós também acreditamos. A escola é reprodutora do conhecimento produzido por esta ciência, as aulas de física na escola privilegiam este tipo de conhecimento, portanto, considero normal que um número expressivo de alunos tenha afirmado a explicação causal.

Esta compreensão do movimento humano também decorre da própria educação física, pois o profissional que trabalha na escola, na maioria das vezes teve contato durante a sua graduação, com esta perspectiva causal. As aulas de biomecânica e cinesiologia são totalmente calcadas nesta perspectiva. Os autores abaixo são tradicionais dentro do ensino do movimento humano nos cursos de educação física e obviamente, influenciam o pensar dos futuros profissionais.

HAY e REID (1985) em seu livro *“As bases anatômicas e mecânicas do movimento humano”*, corroboram a explicação causal e colocam que existe três formas de movimento humano: movimento linear, movimento angular e movimento generalizado, este, uma combinação dos anteriores. Exemplo:

“o movimento linear ocorre quando todas as partes do corpo se movimentam à mesma distância, na mesma direção e ao mesmo tempo” HAY e REID (1985, p. 66).

Desta mesma forma, TANI et. al. (1988), colocam que o movimento humano é o deslocamento do corpo e membros produzido como consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular.

Sendo assim, explicar o movimento humano de forma causal é comum e aceito quase que inquestionavelmente em nosso meio.

2.1.1. Corpo-máquina

A visão de corpo está inclusa na idéia de movimento humano. Remeto-me novamente à colocação de um aluno que deixou expressa claramente esta idéia:

⇒ *[...] a gente se mexendo lembra uma máquina. A máquina tá sempre funcionando e nós também. A gente precisa de combustível (comida, água) e a máquina também. A máquina depende da gente e a gente depende da máquina.*

A explicação causal do movimento humano está impregnada em nossa maneira de pensar. Desta mesma forma, também está presente a visão do corpo como máquina.

Descartes com sua concepção mecanicista da vida, teve influência para que vissemos o corpo humano como uma máquina. Quero salientar que a máquina que geralmente guia nossos pensamentos quando descrevemos o corpo humano, é o mecanicismo de um relógio do século XVII. Esta é a idéia de máquina que nos orienta.

CAPRA (1982)

A citação abaixo, demonstra a visão do corpo como máquina:

“Estudamos detalhadamente o movimento humano. Analisamos profundamente a suspensão dos carros [...]” Revista Veja (1995)

Este trecho, diz respeito à propaganda de um tênis na citada revista. O fabricante orgulha-se de dizer que confeccionou o produto de acordo com o exposto acima. Ora, a perspectiva do homem como máquina é evidente, pois nossos joelhos e tornozelos são comparados a suspensão de um carro.

Alguns podem pensar: **mas qual é o problema? Acho até mais fácil entender o que o fabricante quer dizer justamente pela analogia à máquina! Enxergo melhor a mensagem!**

O problema na realidade é tentar perceber por que temos necessidade deste tipo de comparação. Por que não somos capazes de descrever o corpo humano a partir da própria vida? Este é o problema.

Aceitando esta maneira mecanicista de pensar, estamos perpetuando o entendimento equivocado do corpo humano e conseqüentemente, o falso entendimento do movimento humano ou no mínimo, tendo uma visão reducionista e limitada da questão.

2.2. A explicação teleológica do movimento humano

A explicação teleológica do movimento humano aparece no movimento humano como necessidade, no movimento humano como ação coletiva e no movimento humano como expressão. A orientação para um fim está expressa nas colocações abaixo:

- ⇒ *Todo mundo se movimenta porque quer chegar a algum lugar, porque quer algo. Sempre tem um objetivo que ela (a pessoa) precisa alcançar.*

- ⇒ *Movimento é uma maneira de tentar falar com alguém, de dialogar sem abrir a boca.*

Esta perspectiva teleológica é inerente ao comportamento humano, mas paradoxalmente, esta perspectiva é difícil de ser compreendida por nossa maneira costumeira de pensar. Não enxergamos desejos, motivos ou intenções, enxergamos

causas. Talvez exista esta resistência a idéia da ação por intenções, devido também a responsabilidade que decorre desta maneira de pensar, ou seja, quando ajo com uma intenção, tenho de assumir suas conseqüências. Se eu agir dentro da perspectiva causal, a responsabilidade pode não estar em mim, mas sim na **causa** da ação. Não sou reponsável, **algo** (a causa) fez com que eu agisse de tal ou tal modo.

Kunz e Japiassu defendem a explicação teleológica em detrimento à explicação causal:

“O movimento humano não pode ser compreendido como simples reação a estímulos e em conseqüência de forças e energias”. KUNZ (1994, p. 96)

“as intervenções humanas não constituem apenas o resultado de causas materiais anteriores, pois têm por fundamento fins e motivos”. JAPIASSU (1994, p. 102)

Por mais que exista resistência de alguns em aceitar a explicação teleológica do movimento humano alegando a subjetividade presente nesta perspectiva, o fato é que quando alguém se movimenta praticando esporte, o subjetivo (a significação, a intenção) é o que faz este alguém se mover. E esta significação, esta intenção não é mensurável, mas apenas, perceptível. **Quem tiver olhos de ver, que veja...**

2.2.1. Corpo-vida

O que caracteriza o corpo vida (concepção de corpo tratada no Capítulo 1 deste trabalho) é a inter-relação que existe entre o homem e o mundo. Ao considerarmos o

movimento humano como intencional/significativo, estamos reforçando esta concepção de corpo, pois com nossas intenções interferimos no mundo e o mundo interfere em nós.

TAMBOER citado por TREBELS (1992), nos fala de uma concepção de corpo “relacional”, a qual eu considero reforçar a noção de corpo vida. TAMBOER apóia-se nos conceitos de “unidade primordial” de homem e mundo e de “ser-no -mundo”, desenvolvidos por Merleau-Ponty. Coloca TAMBOER, que só se pode falar de uma concepção de corpo “relacional”, quando o corpo é tipificado no mundo enquanto uma relação intencional ou, então, quando se trata de uma compreensão de mundo-pela-ação.

O depoimento abaixo deixa entrever o corpo-vida e o corpo “relacional” de TAMBOER:

⇒ *O movimento humano é próprio das pessoas. As pessoas se experimentam tentando achar uma resposta para si mesmo. O movimento humano pode ser um sinal e transmitir um significado... a gente pode fazer o que quiser.*

O aluno ao tentar **transmitir um significado**, revela uma intenção e ainda, ao experimentar-se **tentando achar uma resposta para si mesmo**, está compreendendo o mundo pelas próprias ações.

Quando alguém se movimenta sempre é possível perceber o corpo vida. Mas este perceber depende realmente de quem olha. O olhar pode detectar o corpo-vida ou pode detectar o corpo-máquina. A interpretação é livre, mas não é isenta de responsabilidade.

2.3. A estrutura básica do movimento humano

Existe uma relação direta entre a estrutura básica do movimento humano e a explicação teleológica deste movimento, ou seja, a explicação teleológica afirma esta estrutura básica na medida em que coloca o ser humano como portador de intenção e presente no mundo.

A estrutura básica do movimento humano salienta os pontos de referência que estão presentes na explicação teleológica: o sujeito, a situação e o significado.

2.3.1. O sujeito

Ser sujeito é ser promotor da ação. Ser sujeito é ser condutor do movimento humano, é ser dono da própria ação. A colocação do aluno reforça esta idéia:

⇒ *Movimento humano é o movimento que vem dela mesma (a pessoa); não precisa da ajuda de nada.*

Na explicação teleológica do movimento humano, o sujeito é o próprio homem, o próprio autor do movimento, enquanto que na explicação causal do movimento humano, o sujeito pode ser deslocado para outrem, a ver:

⇒ *[...] tem que haver uma força agindo sobre o corpo para que ele se movimente.*

O aluno tem uma perspectiva causal do movimento humano e portanto, o sujeito do movimento pode ser algo ou alguém além dele mesmo. Os exemplos deste tipo de movimento, o qual não parte de mim, mas de outra força, não são difíceis de serem enumerados:

◆ quando tenho que fazer uma sessão de fisioterapia, pode ocorrer que o profissional que trabalha comigo, faça alguns movimentos com meu braço que está com problema na articulação do cotovelo. O movimento feito por meu braço não tem por sujeito eu mesma, mas sim o fisioterapeuta.

◆ quando procuro tonificar minha musculatura, em uma máquina de ginástica passiva, novamente não sou sujeito do movimento, mas sim a própria máquina.

A explicação de um movimento por seu fim, diferentemente da explicação causal, coloca o homem como autor do próprio movimento. Este autor é sujeito que sempre vai basear suas ações pela **bagagem** valorativa que carrega, pressupondo portanto, sempre existir uma realização de valores que implicam em escolhas e tomadas de posicionamentos. O depoimento do aluno vai nesta direção:

⇒ [...] existem também os movimentos revolucionários onde as pessoas se organizam para fazer um ato político [...].

Nesta colocação, o sujeito (as pessoas) se organizam com um objetivo e este objetivo demonstra existir algum tipo de valor, algum tipo de intenção a ser manifestada como ato político.

JAPIASSU (1994, p. 120), coloca: “enquanto fenômeno, o fato permanece exterior à pessoa. Mas enquanto acontecimento valorativo, a ela se vincula por um interesse. Neste sentido, o fato não é neutro: de algum modo ele envolve a pessoa”.

Coloca ainda JAPIASSU (1994, p. 121): “na realidade, o fato é resultado de uma valorização”.

O sujeito do movimento portanto, pode optar entre uma ética da convicção ou uma ética da responsabilidade (colocado anteriormente), mas não pode deixar de refletir, sob pena de ser sujeito do próprio movimento sim, mas a serviço de outros sujeitos que à ele de certa forma, se impuseram.

2.3.2. A situação

O segundo ponto da estrutura básica do movimento humano a ser abordado é a situação.

O movimento humano não é isolável. Ele sempre acontece em um determinado contexto, em uma situação, em um mundo.

Os alunos alvo deste estudo, vivem, se movimentam em vários mundos. A casa de cada um com sua família, é um mundo. A convivência com os amigos da rua é outro mundo. A escola é mais um dos mundos destes alunos. Estes mundos não são fechados em si mesmos, eles convivem entre si e constantemente trocas são feitas. O esporte está presente no mundo da escola como está em todos os mundos e é uma forte presença. No movimentar-se de cada um, existe o conhecer de cada mundo, o conhecer de si mesmo e a transferência de experiências de um mundo para outro.

O mundo, a situação na qual acontece o movimento humano, é fator determinante neste movimento, da mesma forma que a presença do sujeito e sua intenção/significado também o são. Pode-se distinguir na fala do aluno abaixo, a presença de dois mundos, a presença de duas situações onde acontece o movimento humano.

⇒ *[...] estar andando na rua é uma necessidade e no esporte a gente se movimenta porque quer. Quando eu me movimento na rua eu faço sem pensar, sem preocupação, mas no esporte eu me movimento pensando em melhorar naquele esporte.*

O contexto da **rua** não desafia, não exige uma resposta mais elaborada do aluno, este mundo já é suficientemente conhecido e experimentado por ele. O contexto **esporte** ainda não foi explorado ao máximo, ele ainda exige que o aluno responda procurando sempre uma melhor resposta.

2.3.3. A significação

O terceiro ponto da estrutura básica do movimento humano a ser abordado é a significação.

Já foi dito anteriormente, que no movimento intencional de um sujeito em uma determinada situação (mundo), os significados do movimento humano se constroem.

A significação tem por sujeito o homem, mas o chamado do mundo, o si-mesmo interior e o olhar do outro, influenciam na construção desta significação.

Vejamos como identifiquei na fala dos alunos, estes aspectos:

a) o chamado do mundo

O chamado do mundo, como um dos aspectos da significação do movimento humano, pode ser identificado em algumas falas:

⇒ *[...] o esporte é uma maneira de tu te aperfeiçoar e melhorar cada vez mais o teu movimento.*

Neste depoimento, pode-se perceber o chamamento que o mundo do esporte faz ao aluno. O esporte chama o aluno a se experimentar e a se reconhecer neste mundo. A presença do esporte é fator incentivante para que o aluno aperfeiçoe e melhore seus movimentos.

⇒ *Eu não gosto quando chateiam! É quando alguém entra duro na bola... eu sinto que tenho que dar o trôco.*

A significação do movimento do aluno acima, levando-se é claro em consideração sua intencionalidade, radica na ação do outro aluno. É claro que o **ofendido** retruca o movimento somente se quiser, mas o mundo fez seu chamado através da entrada **dura** do outro.

b) a si-mesmo interior

O si-mesmo interior é outro aspecto da significação do movimento humano. Neste aspecto, o significado do movimento humano está mais centrado na intencionalidade do sujeito do movimento.

⇒ *[...] a maioria dos esportes que eu pratico, é para me manter junto às pessoas [...]*

⇒ *Tem gente que pratica esporte por prazer e tem gente que só quer competir e ganhar [...]. Eu pratico prá me exercitar e porque eu gosto, [...]*

Estas intenções dos alunos, vão estar **visíveis** nos movimentos por eles executados, mas sempre sujeitas à modificação de acordo com a situação em que ocorrem e talvez, a novas intenções que surjam como fruto deste conjunto significativo.

c) o olhar do outro

O terceiro aspecto a se considerar na significação do movimento humano é o olhar do outro.

Vejamos como o olhar do outro pode interferir no movimento humano:

⇒ *Eu gosto quando não tem ninguém olhando, só o professor. Se eu erro, fica todo mundo rindo e falando e eu não gosto!*

O olhar ao qual o aluno está se referindo, é o olhar que não aceita, é o olhar que incomoda. Este olhar faz com que o sujeito da ação tome consciência do próprio corpo de maneira que esta consciência prejudica as ações pretendidas. O aluno sente e vê que os outros criticam seu desempenho. Neste momento está exposto e indefeso, não conseguindo ter controle sobre o próprio corpo, não conseguindo lidar consigo mesmo.

VAN DEN BERG (1965, p. 121), com apoio em SARTRE, exemplifica:

“A jovem que se arruma cuidadosamente, pinta os olhos e os lábios[...] deixa a casa e se sente convencida pela fisionomia da cidade de que está bem vestida e arrumada. Quando passa frente a um grupo de homens jovens em uma rua tranqüila e ouve (e “vê”), pelo ruído dos pés à suas costas, que todos dão a volta para olhá-la, tudo muda por completo. O que ela deveria esquecer a fim de caminhar - e de coquetear se necessário - agora se observa com um olhar “objetivo”. A rua frente a ela desaparece, o solo sob seus pés se torna menos firme, sua postura perde soltura, desta forma mostra ainda mais o que deseja - e o que não deseja - ocultar, tropeça talvez e se ruboriza”.

Mas, o olhar do outro também pode apoiar, valorizar e justificar o movimento humano. A colocação abaixo vai nesta direção:

⇒ *Sinto emoção de ficar todo mundo olhando [...].*

Este aluno já tem uma tranquilidade maior em relação ao olhar do outro. A emoção por ele colocada, traz o sentido de que ele tem confiança em seu desempenho e este olhar do outro, vai reconhecê-lo e incentivá-lo.

2.4. O conceito esporte

Ao falar sobre o conceito de esporte no primeiro capítulo deste trabalho, deixo claro meu posicionamento e coloco que na realidade existe muita confusão sobre o que é esporte. Esta confusão ficou comprovada pelas opiniões diversificadas dos alunos.

Devo salientar, que surgiram opiniões que foram ao encontro de KUNZ (1994), quando este defende que o esporte deve ser tomado em um conceito amplo.

Quero acrescentar que na conversa com os alunos, não foi pedido um conceito formal sobre o esporte, mas sim, o que eles entendem por esporte. Pode-se portanto perceber, que os depoimentos foram mais na direção dos significados e das vivências que o esporte encerra para estes alunos.

Alguns depoimentos apontaram apenas o aspecto da motricidade, do exercício físico:

⇒ *Esporte é atividade física, [...].*

⇒ *Esporte é exercício físico, [...].*

Estes aspectos são essenciais ao esporte, mas não existe nas colocações a contemplação do jogo e da competição.

Outras colocações apontam para apenas um aspecto do esporte, o aspecto do jogo:

⇒ *Esporte é lazer puro, é tudo que diverte.*

⇒ *Esporte é um lazer, é um hobbie.*

Nestes depoimentos abaixo, a competição é o significativo para estes alunos. Os outros aspectos do esporte não aparecem.

⇒ *é onde a gente aprende a competir, [...].*

⇒ *[...] é poder chegar em primeiro, ganhar!*

Pode-se perceber que os alunos que responderam apontando apenas um dos aspectos do esporte, possuem uma visão limitada do mesmo. Isto leva à concluir que por

mais que se fale em esporte, por mais que ele seja uma manifestação cultural das mais expressivas no mundo, por mais que se divulgue o esporte (principalmente o de alto nível através da mídia); por incrível que pareça o conceito esporte, aparentemente não é trabalhado na escola. Os alunos praticam esporte, mas não conhecem muito bem o que estão praticando. Leve-se em consideração que estes alunos estão na escola e possuem um professor formado (com formação) para trabalhar estes aspectos. Talvez seja o caso de se observar a formação do profissional e verificar se estes aspectos também são desenvolvidos de maneira correta com eles! Mas isto é um outro trabalho.

Outra interpretação que posso dar ao reducionismo exposto em depoimentos como os de acima, é a de que na realidade os alunos expressaram o que é mais significativo para eles, ou seja, para alguns o exercício físico, para outros o jogo e ainda para outros a competição.

Ao mesmo tempo, as opiniões expressas por estes alunos podem ser tomadas no conceito amplo de esporte de KUNZ (mencionado anteriormente), pois não se prendem ao conceito tradicional de esporte e sim à uma atividade (sempre de movimento) cotidiana e prazerosa para estes alunos. “Andar de bicicleta, fazer ginástica, os jogos infantis” (KUNZ, 1994, p. 58).

Os depoimentos abaixo já abrangem dois aspectos necessários para que uma atividade seja considerada esporte: o exercício físico e a competição.

- ⇒ *Esporte para mim é uma força de eu aperfeiçoar o meu corpo, ter controle sobre ele. O esporte me deu mais coordenação, um pouco mais de controle e é uma forma de competir também.*

- ⇒ *Esporte é exercício que eu faço junto com os outros quando a gente quer marcar pontos.*

Os próximos depoimentos foram os mais claros em relação aos fatores que mantêm a identidade do esporte, ou seja, a competição, o exercício físico e o jogo.

- ⇒ *Esporte é jogo, é quando a gente está com outras pessoas fazendo uma atividade física juntos. Quando se quer divertir e ganhar!*

- ⇒ *Esporte é um jogo onde muitas pessoas se divertem. Pode ter competição... Tudo o que abrange o movimento.*

É claro que esta identidade do esporte sofre adaptações e interpretações nas culturas nas quais ele se manifesta, pois afinal de contas o esporte é realização do homem com toda a sua subjetividade. O que deve ficar claro, é que por mais que possamos aproximar o esporte de certas peculiaridades próprias do meio cultural, esporte para ser esporte, tem que preservar as três condições colocadas acima. **Existe o problema em praticar uma atividade que não contemple o exercício físico, a competição e o jogo?** Não existe problema algum, mas a nível conceitual, esta atividade não é esporte!

Acredito que o esporte através desta estrutura que o identifica, é rico e cheio de possibilidades em relação ao ensino na escola. A busca da conservação da identidade do esporte também passa pela desmistificação de que este é prejudicial em alguns casos,

como por exemplo na escola, pois desenvolveria nos alunos a competição desmedida. O esporte possui em sua identidade a competição, mas não a competição a qualquer preço. Como já foi dito anteriormente, este tipo de competição é uma interpretação e uma utilização do esporte por certos interesses individuais e/ou de grupos, que se baseiam por determinados valores. CAGIGAL confirma estas idéias:

“O desporto atual, está oprimido pela sociedade do êxito, supercompetitiva, que exalta o Agon em detrimento do ludus. O educador desportivo mais que o dirigente, tem em suas mãos meios para compensar estas tendências desequilibradas. Não se trata de eliminar o agonismo do desporto. Existe uma falsa interpretação do ‘desporto para todos’ que alguns identificam no desporto sem competição, uma simples atividade higiênica: ‘o café descafeinado’”.
CAGIGAL (1985, p. 10)

2.5. Os valores do esporte

Este ponto diz respeito aos valores originais do esporte.

O valor agonístico, o valor lúdico e o valor erótico (como já foi colocado no primeiro capítulo), estão presentes de maneira diversificada nos depoimentos dos alunos. O sub-ítem 2.4. (anterior a este) já mostra como estes três valores estão presentes na compreensão de esporte dos alunos. Farei mais algumas considerações.

Temos no seguimento dois exemplos do valor agonístico e do sentido que ele assume de acordo com a subjetividade de cada aluno. No primeiro caso a competição é vista de uma maneira que julgo mais sadia, pois o esforço não é descartado e existe a

aceitação do limite. No segundo caso, a competição como se diz, é **de vida ou morte**, ou seja, o aluno é capaz de um ato violento para conseguir a vitória.

- ⇒ *[...] pode ser o competir e ganhar, pode ser se movimentar lutando por alguma coisa, mesmo que não ganhe, valeu por tentar.*

- ⇒ *O esporte é um campo de batalha. Porque é a briga por uma coisa, a briga pela vitória. [...] e prá ultrapassar este inimigo eu vou jogar com garra, bater... [...].*

Nos dois casos acima, o valor agonístico se faz presente, mas a **nuance** que reveste o agon, é dada pelo sujeito da ação e não pelo próprio esporte.

Seguem os depoimentos revelando então o valor lúdico:

- ⇒ *[...] eu me movimento no esporte prá ficar bem de saúde e também porque eu gosto, é uma diversão.*

- ⇒ *Diversão, lazer... uma brincadeira com um pouco de seriedade[...].*

- ⇒ *Esporte é prazer, prazer de poder jogar, de estar jogando[...].*

O valor lúdico manifesta-se nestes depoimentos. Pode-se inclusive observar no segundo capítulo deste trabalho, que a prática do esporte pelo divertimento que ele proporciona, foi muito comentada pelos alunos.

O valor erótico também se faz presente:

- ⇒ *[...] tu podes fazer várias coisas, tu podes fazer algo que nunca imaginou fazer... uma bicicleta no futebol... tu podes inventar. [...] no futebol tem vezes que eu posso fazer um drible que eu nunca fiz na minha vida... eu posso criar! [...]*
- ⇒ *[...] eu gosto de me mexer e no esporte eu penso em mim e não nos problemas.*
- ⇒ *[...] sinto limitação e às vezes me sinto até poderoso porque consigo fazer melhor que algumas pessoas. Além do prazer de jogar por jogar, sinto prazer de jogar relativamente bem alguma coisa!*

O valor erótico (que foi tratado anteriormente), fala do prazer de sentir o próprio corpo, fala do prazer do movimento como sendo próprio de cada um. As colocações dos alunos acima, deixam transparecer este valor. Os alunos ao movimentarem-se praticando esporte, podem vivenciar o corpo e o movimento como seus. Existe o prazer do movimento. Existe o prazer da realização do movimento pretendido.

2.6. O movimento humano e o esporte

Ao discorrer sobre o movimento humano e o esporte no primeiro capítulo, deste trabalho, falo que o subjetivo geralmente não é levado em consideração nos estudos sobre o tema. Ao conversar com os alunos, pude perceber que na realidade o subjetivo é o mais significativo em suas ações. A ver:

- ⇒ *O esporte depende do movimento. Se alguém gosta de determinado esporte, esta pessoa fica mais motivada para se movimentar [...].*

- ⇒ *No esporte o movimento humano também é expressão. Pode-se analisar uma pessoa fazendo esporte e ver como ela é. Existe uma necessidade do ser humano se movimentar praticando esporte. Pelo lazer, prá conhecer o corpo, para desligar dos problemas.*

- ⇒ *[...] eu gosto de ir mais fundo e alcançar aquele objetivo do esporte. Cada vez melhor, cada vez melhor e alcançar a fama.*

- ⇒ *O movimento humano no esporte é garra, é vibração. Este é o significado do movimento humano no esporte para mim. O passar a bola para alguém na quadra pode ser solidariedade, porque eu vou partilhar a garra e a vibração.*

De acordo com as colocações dos alunos, reforço que os estudos sobre o movimento humano no esporte não estão tratando da totalidade da questão e ainda digo mais, estes estudos privilegiam a técnica e até mesmo a tática, mas o que são técnica e a tática sem os sentimentos, os desejos e os valores que as animam? Repito, não nego a técnica, mas afirmo a necessidade de uma mudança do modelo de pensar, pois o movimento humano, novamente repito, é uma totalidade e não apenas a ação de alavancas que miram um alvo e o acertam ou não!

Já foi colocado anteriormente, que os significados do movimento humano no esporte, se constroem em um encontro de valores que acontece no mundo do esporte. Neste trabalho, o mundo do esporte está interligado ao mundo da escola. Nesta mistura de mundos com subjetividades individuais, os significados do movimento humano são muitos. Foi possível verificar que não existe homogeneidade de pensamento em relação ao movimento humano e o esporte para estes alunos. Homogeneidade esta, que só se poderia esperar se todos fossem iguais, mas como a subjetividade é inerente ao ser

humano, as diferenças aí estão, a prática do esporte é prazerosa para a maioria dos alunos e este prazer pode decorrer da competição, do jogo, do movimentar-se propriamente dito, do sobrepor-se ao outro, do estar com o outro, da saúde decorrente da prática do esporte e do esforço por melhorar.

O movimentar-se de cada um no esporte não é neutro. Cada um procura através do seu movimentar-se no esporte, o que é significativo para si mesmo.

Se e em qual medida as respostas difeririam se a pesquisa acontecesse fora do ambiente escolar, não posso dizer. Também este seria um outro trabalho.

A CONCLUSÃO

É chegada a hora de **fechar** este trabalho. Este **fechar** não significa um ajuste definitivo, mas apenas o alcance de um algo a mais na busca incessante pelo que está aqui, mas que leva a frente.

Este momento conclusivo permite-me expor de forma mais sucinta os pontos essenciais de meu trabalho e onde penso ter chegado através do mesmo.

Ao fazer este trabalho, tive por objetivo detectar aspectos que geralmente estão encobertos pela preocupação somente com a técnica do movimento humano nos esportes. Através deste **detectar**, procurei mostrar o aspecto subjetivo que embasa estes movimentos e que geralmente não é considerado nos estudos do movimento humano e do esporte. Procurei saber o que os alunos pensam e sentem no seu movimentar-se no esporte, bem como, suas idéias a respeito do movimento humano e do próprio esporte. Busquei interpretar e compreender, procurando o sentido no sentido existente para os alunos.

Nesta procura, a idéia de movimento humano se apresentou em quatro diferentes perspectivas, sendo o movimento humano como ação física uma forte idéia entre os alunos, seguida de perto pela idéia de movimento humano como expressão.

A explicação causal do movimento humano foi identificada nos depoimentos que apontaram o movimento humano como ação física, deixando claro portanto, a influência do pensamento científico tradicional (pensamento determinista e que admite apenas o que pode ver e medir), na maneira de pensar dos alunos.

Desta mesma forma, a explicação teleológica do movimento humano também se fez presente nos depoimentos através do movimento humano como expressão, como ação coletiva e como necessidade. Isto leva a pensar que por mais que existam resistências à idéia de explicar o movimento humano pelo seu fim, na realidade para mais da metade dos alunos contactados, o que os faz moverem-se são os objetivos à alcançar, é o que tem valor, é o que lhes é significativo.

A idéia de esporte que surgiu, foi mais na direção do que é prazeroso e significativo para os alunos, do que na direção de um conceito formal de esporte. De toda maneira, pude verificar que a maioria dos alunos não tem uma clara idéia do esporte como sendo uma atividade que ao mesmo tempo envolve o jogo, a competição e o exercício físico.

Os alunos praticam esporte com os mais variados objetivos, transferindo e adaptando à esta prática, valores e desejos próprios de cada um. Os fatores divertimento e prazer são predominantes nos depoimentos, embora o que possa ser o prazer de um, pode não ser o prazer do outro. Portanto, a relação entre o movimento humano de cada um e o esporte, como já era esperado por mim, não se mostrou neutra, na medida em que cada aluno revelou uma intenção em seu movimentar-se no esporte.

O pensamento científico tradicional encontra muita força dentro da escola, colaborando portanto, com uma visão mecanicista do movimento humano. A escola continua a reproduzir, aparentemente sem questionar, o conhecimento da física clássica como se ela fosse a explicação para tudo, inclusive para o próprio movimento humano.

Parece também não ocorrer na escola, um esclarecimento e uma discussão a respeito do que é o esporte, o que o constitui como tal, o como e o porquê podemos e/ou devemos praticá-lo. A falta de discussão permite que a imagem do esporte de alto nível, sistematicamente bombardeada pela mídia aos alunos, ganhe cada vez mais espaço, gerando com isto uma luta ainda mais desigual, onde o poder econômico se sobrepõe aos valores **nobres** do esporte. Corro o risco de ser chamada de romântica, idealista em demasia e utopista, mas triste do homem que não acredita e que não tem esperanças de algo melhor. Como formadora de profissionais da área, posso e devo acreditar em valores que estão acima do econômico. Esta é uma opção individual minha, da mesma forma que o é, a

decisão de quem assume os valores capitalistas ou até mesmo daqueles que não se dão ao trabalho de discutir e se dizem desiludidos.

Este contexto permite ao meu ver, surgirem dois tipos extremos de profissionais. Um que tenta reproduzir na escola, sem questionamentos, o modelo do alto nível com todas as suas distorções, cometendo com isto, verdadeiras atrocidades pedagógicas com os alunos. Estes erros pedagógicos passam pela valorização do **bom** desempenho técnico e não do esforço; pelo uso de meios ilícitos para alcançar vantagens como por exemplo a falsificação da idade dos alunos; pela utilização de sistemas táticos defensivos inadequados a uma iniciação esportiva correta e que a curto prazo rendem vitórias, mas deixam seqüelas nos alunos; pelo fato de fazer de sua aula um espaço onde só cabem os melhores e os menos favorecidos, não recebem atenção. A vitória para este professor, vale mais do que o próprio aluno.

No outro extremo, aparece o profissional que justifica o seu **largar a bola** aos alunos, devido a falta de material e também ao seu repúdio aos valores capitalistas, que se refletem no esporte de maneira muito forte. A expressão **largar a bola** infelizmente é muito conhecida no meio da educação física. Ela se refere a atitude do professor em deixar os alunos jogando a **vontade**, sem orientação, enquanto ele lê o jornal e/ou toma seu chimarrão. Afinal de contas, pensa ele, ganha mal, não tem material suficiente de trabalho na escola e também, não pretende ajudar a reproduzir o modelo do esporte de alto nível, que é

embasado por uma política econômica que valoriza o grande atleta e ao mesmo tempo desvaloriza o profissional da área da educação física e da educação em geral.

Ora, tanto uma como outra atitude prejudicam os alunos de forma irreparável. O professor preocupado apenas com o rendimento técnico e com a vitória, esquece que lida com pessoas que necessitam de muito mais do que ele está dando. Já o professor **revoltado**, também peca com seus alunos pelo descaso que na realidade é sua atitude. Quando ele não trabalha a técnica do movimento humano no esporte, este seu **protesto** abre espaço para que a imagem já tão forte do esporte de alto nível, tome conta da sua aula. A omissão, neste caso, gera uma adesão. Que não se tome nem uma nem outra atitude como a correta, mas que se reflita sobre cada uma delas. Novamente coloco, o problema não está na execução da técnica dos movimentos no esporte e sim, no significado que estes movimentos possuem para quem de uma forma ou outra (alunos e professores), está praticando qualquer esporte!

O movimento humano é expressão intencional de uma corporeidade e o esporte, através dos valores que o identificam (Agonístico, Lúdico e Erótico), é espaço profícuo para o movimento humano. A escola é local de aprendizagem e abriga o esporte. Acredito que realmente o esporte deve estar na escola, tanto por ser prazeroso por si só, como por ter o movimento humano como base, e também, por trabalhar a relação com o outro. Portanto, o esporte é oportunidade para vivências, construções de personalidades, de corporeidades, aonde cada um é capaz de se conhecer através de suas capacidades e limites. O esporte não

é neutro na medida em que possui valores que o identificam, mas que fique claro que cada aluno e professor, vai adaptar ao esporte o que lhe é significativo, por isto a necessidade da discussão e do esclarecimento sobre a questão.

Por fim, espero que este trabalho colabore um pouco com as pesquisas já existentes a respeito do subjetivo no movimento humano e nos esportes. Pesquisas estas, que ainda não são efetivamente levadas em consideração. A maioria das pesquisas seguem o pensamento tradicional científico e não admitem portanto, aceitar o que se pode perceber e nem sempre medir. Se não ocorrer uma **abertura** de pensamento na dominante mentalidade existente, a compreensão do movimento humano continuará limitada e reduzida. Consequentemente o estudo do esporte também será prejudicado, já que este tem por base o movimento humano. Saliento novamente, que os estudos devem levar em consideração o subjetivo (por mais que para alguns isto seja impossível), pelo simples fato de que este subjetivo é o que faz mover.

Acrescento ainda, que os alunos **gostam** do movimento, os alunos **gostam** do esporte. Deixo por mais uma vez os alunos falarem:

☞ *Eu adoro jogar qualquer coisa. Se eu não pudesse praticar esporte, eu não sei o que faria. Eu gosto do contato físico, eu gosto de correr, eu gosto de movimento.*

Cabe a nós, professores de educação física, aproveitar da melhor forma este **gostar!**

BIBLIOGRAFIA

- ANDER-EGG, E. *Técnicas de investigación social*. Buenos Aires: Humanitas, 1967.
- BENTO, J. *Reabilitação do princípio do rendimento para crianças e jovens*. Porto: F.C.D.E.F. - U.P., s.d. (MIMEO)
- BENTO, J. & MARQUES, A. (org.). *Desporto, ética, sociedade*. Porto: F.C.D.E.F.-U.P., 1989.
- BETTI, I. *O prazer em aulas de educação física escolar: a perspectiva discente*. Campinas: UNICAMP, 1992. (Dissertação, Mestrado em Educação Física)
- BRACHT, V. "A educação física como campo de vivência social". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 9, nº 3, p. 23-29, 1988.
- BRASIL. Ministério Extraordinário dos Esporte - INDESP. *Diretrizes e programas*, Brasília: 1996.
- BROHM, J.-M. Sociologia política del deporte. *Partisans - Deporte, cultura e represion*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978, p. 17-31.
- BUYTENDIJK, J. O jogo humano. In: GADAMER-VOGLER. *Nova Antropologia*. São Paulo: EDUSP, nº 4, 1977. p. 63-87
- CAGIGAL, M. La pedagogia del deporte como educacion. *Revista de Educación Física*. nº 3, p. 5-11, mayo-junio/1985.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- DA COSTA, L. O reencontro do desporto com a cultura. In: SILVA, J. *Esporte com identidade cultural: coletânea*. Brasília: INDESP/CIED-UFOP, 1996. p. 39-55.
- FERNANDES, F. *Dicionário brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- FERREIRA, A. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- FRANÇA, J. et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- FREITAG, B. *Itinerários de Antígona - a questão da moralidade*. Campinas: Papyrus, 1992.
- GREIMAS, A. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- GRUPE, O. *O desporto de alto nível ainda tem futuro? Uma tentativa de definição*. Lisboa: Ministério da Educação, 1988.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1993.
- HAY, J. & REID, J. *As bases anatômicas e mecânicas do movimento humano*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1985.
- HEREDIA, N. et al. Humanización: una perspectiva para la enseñanza del deporte. *Actas congreso mundial de Educación Física de la AISEP: Humanismo y nuevas tecnologías*, Madri: INEF, p. 423-428, 1988.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JAPIASSU, H. *Introdução às ciências humanas*. São Paulo: Letras e Letras, 1994.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- _____. *A transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LEPARGNEUR, H. *Antropologia do prazer*. Campinas: Papyrus, 1985.
- LÜDKE, M, & ANDRÉ, M, E. D. A. *Pesquisa em educação; abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- _____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- PESSIS-PASTERNAK, G. *Do caos à inteligência artificial: quando as cientistas se interrogam*. São Paulo: UNESP, 1993.
- REVISTA VEJA. Ano 28, nº 28. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1995.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *O discurso da ação*. Lisboa: Edições 70, 1988.

SANTIN, S. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987.

_____. *Educação Física: outros caminhos*. 2ª ed. Porto Alegre: EST/UFRGS, 1993.

_____. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: EST/UFRGS, 1994.

_____. *Princípios do esporte educacional: co-educação*. Palestra ministrada no INDESP. Out/1995.

SEIRUL-LO, F. Valores educativos del deporte. *Revista de Educación Física*. Barcelona, nº 44, p. 3-11, marzo-abril/1992.

TANI, G. et al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 1988.

TREBELS, A. Plaidoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 13, nº 3, p. 338-344, jun/1992.

VAN DEN BERG, J. *El cuerpo humano y la significación del movimiento humano*. Impresos, 1965.